JUS SCRIPTUM'S

INTERNATIONAL JOURNAL OF LAW

REVISTA INTERNACIONAL DE DIREITO

a. 19 • v. 9 • n. 1-4 • 2024

14 **Adriano Marteleto Godinho**
Transhumanismo e pós-humanismo: o colapso da humanidade?

36 **Carlos Eduardo Ferreira dos Santos**
A favelização no Rio de Janeiro e propostas de melhorias

88 **Douglas Jurek**
Jurisdição constitucional na era digital: repensar teórico, protagonismo regulatório e desafios interpretativos

171 **Gabriel Passarini**
Patente e inventividade: a patenteabilidade à luz da atividade inventiva

211 **Maria Gabriela Lopes de Macedo**
A fiscalização de constitucionalidade de decisões judiciais pelo Tribunal Constitucional português

276 **Maria Leticia Nogueira Lima**
A crise financeira, a insegurança econômica e o voto populista

342 **Pedro Henrique Custódio Maia Ribeiro e Silva**
Entre os vestígios históricos do Direito Internacional Público e a urgência contemporânea na proteção dos povos indígenas

417 **Renan Melo**
Método comparativo e direito comparado: diferenças e usos

451 **Jordano Paiva Rogério**
Direito da saúde de exceção: o regime excecional de contratação pública covidiana e a repercussão para a aplicação imediata da tutela à saúde

514 **Samara Machado Sucar**
Perspectivas de desenvolvimento de regulação transnacional do sistema financeiro

544 **Talita de Pedro Rossini**
Tratados internacionais de direitos humanos: a interpretação evolutiva no sistema europeu e americano

586 **Luis Fernando de França Romã**
A alternativa semipresidencialista proposta pelo Professor Doutor Honoris Causa Manoel Gonçalves Ferreira Filho

FACULDADE DE DIREITO
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa
AAFDL

nelb

JUS SCRIPTUM'S

INTERNATIONAL JOURNAL OF LAW

REVISTA INTERNACIONAL DE DIREITO

Núcleo de Estudo Luso-Brasileiro
Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

2024
a. 19 v.9 n. 1-4

Jus Scriptum's International Journal of Law
Revista Internacional de Direito do Núcleo de Estudo Luso-Brasileiro da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa
Ano 19 • Volume 9 • Número 1-4 • Janeiro-Dezembro 2024

Periodicidade Trimestral
ISSN 1645-9024

Equipe Editorial

Diretor da Revista – Editor-In-Chief

Cláudio Cardona

Conselho Editorial – Editorial Board

Joice Bernardo do Carmo, Presidente do NELB
Cláudio Cardona, Diretor da JusScriptum
Patrícia Ferreira de Almeida, Diretora Científica do NELB
Nathalia Schmidt, Diretora Científica do NELB
Maria Mariana Moura, Observadora Externa
Bruno Bueno Assalin
Caio Guimarães Fernandes
Carolina Cerqueira Cruz
Fabrício Quirino
Fernando Antônio Turchetto Filho
Gustavo Martins Baini
Jordano Paiva
Leonardo Castro De Bone
Leonardo Dias da Cunha
Leonardo Pache de Faria Cupello
Maiara Motta
Márcio Roberto Silva
Maria Amélia Renó Casanova
Maria Vitória Galvan Momo
Pedro Rocha Amorim
Rafael Vasconcellos de Araújo Pereira
Samara Machado Sucar

Conselho Científico – Scientific Advisory Board

Ana Rita Gil, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (POR)
André Saddy, Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense (BRA)
Eduardo Vera-Cruz Pinto, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (POR)
Edvaldo Brito, Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia (BRA)
Fernanda Martins, Universidade do Vale do Itajaí (BRA)
Francisco Rezek, Francisco Resek Sociedade de Advogados (BRA)
Janaina Matida, Faculdade de Direito da Universidade Alberto Hurtado (CHI)
Lilian Márcia Balmant Emerique, Faculdade Nacional de Direito - UFRJ (BRA)
Luciana Costa da Fonseca, Faculdade de Direito da UFPA e do CESUPA (BRA)
Maria Cristina Carmignani, Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (BRA)
Maria João Estorninho, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (POR)
Paula Rosado Pereira, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (POR)
Paula Vaz Freire, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (POR)
Rute Saraiva, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (POR)
Sergio Torres Teixeira, Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco (BRA)
Susana Antas Videira, Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (POR)

Pedro Romano Martines, *In memoriam*

Corpo de Avaliadores – Review Board

Anjuli Tostes Faria Melo
Camila Franco Henriques
Carla Valério
Caroline Lima Ferraz
César Fiuza
Eduardo Alvares de Oliveira
Francine Pinto da Silva Joseph
Isaac Kofi Medeiros
J. Eduardo Amorim
José Antonio Cordeiro de Oliveira
Leonardo Bruno Pereira de Moraes
Leonardo Castro De Bone
Marcelo Ribeiro de Oliveira
Marcial Duarte de Sá Filho
Maria Vitoria Galvan Momo
Plínio Régis Baima de Almeida
Rafael Vasconcellos de Araújo Pereira
Rafaela Câmara Silva
Renato Sedano Onofre
Silvia Gabriel Teixeira
Thais Cirne
Vânia dos Santos Simões

RELATÓRIOS ACADÉMICOS

A Crise Financeira, a Insegurança Económica e o Voto Populista*

The Financial Crisis, Economic Insecurity, and the Populist Vote

Maria Leticia Nogueira Lima**

Este trabalho aborda questões referentes à relação entre o populismo, a crise, a insegurança econômica e os avanços da inteligência artificial nos mercados de trabalho, bem como apresenta uma breve análise histórica a respeito do surgimento do populismo na antiguidade e do surgimento do populismo como um fenômeno político. Este relatório procede, também, à análise de estudos e pesquisas de opinião, buscando, com isso, identificar um padrão na intenção de votos para partidos populistas em diferentes contextos. Por meio deste trabalho, analisa-se, ainda, as particularidades do populismo e esquerda e de sua definição como "o bom populismo". Procede-se, ainda, com uma análise dos possíveis fatores econômicos e sociais que incentivariam o voto populista. Por fim, faz-se uma análise das possíveis formas de se reagir ao populismo na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: populismo, crise econômica, insegurança econômica, inteligências artificiais

This work addresses issues relating to the relationship between populism, the crisis, economic insecurity and the advances of artificial intelligence in the labour markets, as well as presenting a brief historical analysis of the emergence of populism in antiquity and the emergence of populism as a political phenomenon. This report also analyses studies and opinion polls, seeking to identify a pattern in voting intentions for populist parties in different situations. This work also analyses the particularities of populism and the left and its definition as "good populism". It also analyses the possible economic and social factors that encourage populist voting. Finally, we analyze possible ways of reacting to populism in contemporary society.

* Relatório Académico apresentado na disciplina de Ciência Política, no ano letivo 2022/2023, no Mestrado Científico em Direito e Ciências Jurídicas da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, sob a orientação do Professor Doutor Miguel Prata Roque. Valor atribuído a este relatório: 16 valores.

** Advogada no Brasil (OAB CE nº 39619), com graduação em Direito (Centro Universitário Farias Brito) e concluindo um mestrado em Direito Comercial Internacional pela Universidade de Lisboa.

Keywords: populism, economic crisis, economic insecurity, artificial intelligence.

Sumário: 1. Introdução; 2. Populismo: a busca por uma definição; 3. O populismo nos primórdios da democracia; 4. O populismo como fenômeno político; 5. Populismo: um fenômeno de crises?; 6. A insegurança econômica, a crise de confiança e o desemprego como pressupostos para uma reação populista; 7. O populismo de esquerda e a ideia de um bom populismo; 8. Os robôs irão roubar seu emprego? A insegurança econômica e a ascensão do populismo diante da evolução das inteligências artificiais; 9. Possíveis reações ao populismo; 10. Considerações finais; 11. Bibliografia.

1. Introdução

O populismo não é um fenômeno recente, suas primeiras manifestações ocorreram ainda na antiguidade, em períodos de grande desigualdade, onde a elite parecia deter para si tanto o poder político quanto patrimonial, enquanto a maioria, o "povo", se via em condições precárias, com poucas perspectivas de mudanças. Como fenômeno político, o populismo surgiu em momentos em que, diante da crise e da insegurança econômica, e de um sentimento de negligência por parte de seus governantes, as pessoas decidiram se unir em busca de reivindicar seus direitos, o que deu origem a uma nova classe política. Diante da ideia de representar "o povo", o populismo abriu caminho para que políticos demagogos, que sequer advinham das massas, utilizassem-se de discursos sensacionalistas e de uma visão de antagonismo em relação à elite para convencer ao povo de que a única forma de mudar o cenário em que se encontravam seria se unindo para eleger um novo líder.

Na sociedade atual, o populismo ainda é presente, e parece ter se adaptado às mudanças do mundo contemporâneo. Conforme as crises acontecem, o populismo parece cada vez mais um atrativo para aqueles que, de alguma forma, se decepcionaram com a atual situação política. Em diferentes sociedades e diversas culturas, o populismo, com suas muitas facetas, tem ganhado voz, principalmente

em momentos em que o estilo de vida das pessoas parece estar em risco. Atualmente, a tecnologia tem ganhado espaço nos diferentes setores de trabalho, e, diante desse novo cenário, o que se espera é que muitos acabem competindo por seus empregos com máquinas que, cada vez mais, parecem superar as aptidões humanas. Conforme a automação evolui, as pessoas parecem mais inseguras a respeito de seus empregos, e mais inclinadas a votarem em partidos populistas.

O relatório se divide em oito capítulos. No primeiro capítulo, abordamos as diversas teorias a respeito da definição do termo "populismo", já que este foi utilizado em diferentes contextos e, algumas vezes, associado a situações que em pouco pareciam se assemelhar. O segundo capítulo disserta sobre o populismo na antiguidade, onde descrevemos como, mesmo sequer existindo como fenômeno político, o populismo já apresentava sinais com o início da democracia, e apesar das lógicas modificações e adaptações ao longo do tempo, alguns comportamentos de caráter populista ainda parecem refletir o pensamento populista atual. No terceiro capítulo, abordamos o surgimento do populismo como um fenômeno político, onde dissertamos a respeito da insegurança econômica e da situação de crise e de descrença política que precederam às primeiras grandes manifestações iniciais do populismo. O quarto capítulo, por sua vez, traz uma análise a respeito da crise financeira de 1930 e da Grande Recessão, em 2008, onde dissertamos a respeito da relação destas crises financeiras com a ascensão de partidos populistas. O quinto capítulo aborda a questão da insegurança econômica, bem como seus efeitos nos índices de confiança no sistema e com o voto em partidos populistas, e mostramos como esses sentimentos podem se agravar diante do desemprego, favorecendo para a ascensão de líderes populistas. No sexto capítulo, por sua vez, dissertamos sobre a ideia de o populismo de esquerda ser definido por muitos autores como um "bom populismo", e das razões pelas quais, mesmo visando

atender às necessidades das minorias menos favorecidas, o populismo continua a apresentar vícios difíceis de serem sanados. O sétimo capítulo deste relatório traz um debate a respeito de como as mudanças no mercado de trabalho devidas à automação podem ocasionar insegurança econômica, diante da ideia do risco de desemprego, mostrando, ainda, as perspectivas a respeito do comportamento de voto das pessoas diante disso, e como as pesquisas indicam que essa situação favorecerá para o apoio a partidos populistas. Por fim, o oitavo capítulo aborda as alternativas que diversos autores apresentam a respeito de como reagir ao populismo, bem como a nossa própria versão sobre o tema.

Em síntese, o presente relatório analisa os diferentes períodos de ascensão do populismo diante de momentos de crise, bem como aborda a relação entre o populismo e a insegurança econômica seguida da perda de confiança, do desemprego e da iminência de uma mudança de estilo de vida. Por último, uma questão que gostaríamos de solucionar é: a crise é uma das causas do populismo, ou é o populismo quem fomenta a crise?

2. Populismo: a busca por uma definição

Em diferentes contextos históricos, bem como em diferentes sociedades, muito se utilizou do termo populismo. Diante de tantas mudanças trazidas com o passar dos anos, começou-se a associar o populismo até mesmo a situações que sequer pareciam se assemelhar entre si. Muitos autores buscam um consenso para chegar ao ideal significado de populismo, outros definem o populismo como uma ideologia, e alguns até mesmo assumem a inexistência de um conceito ideal, uma busca que, ao menos por enquanto, não, há um resultado preciso.

Na visão de Margaret Canovan, é impossível reduzir todos os casos existentes de populismo em uma única definição, ou até mesmo buscar uma essência em comum entre todos eles.[1] Isaiah Berlin, a respeito dessa busca pelo conceito de populismo, definiu o que chamou de "*The Cinderela Complex*", ou, em português, o que se pode chamar de "o complexo de Cinderela", que traz a ideia de que a palavra "populismo" é como um sapato para qual, em algum lugar, há um pé que se encaixa perfeitamente, porém, existem ainda inúmeros outros pés que quase se encaixam. Nesse caso, a questão é encontrar uma definição ideal, que se encaixe perfeitamente na essência do populismo.[2]

Peter Worsley menciona que se ao longo da história, movimentos com características tão diferentes, em diferentes períodos, possuem alguns atributos que justificam o fato de serem denominados todos como "populista", seria necessário observar e especificar quais, exatamente, seriam os atributos cruciais de cada um deles, sem, no entanto, cometer o erro de assumir que o simples uso de uma palavra por diferentes culturas ou períodos históricos, obrigatoriamente implicaria uma semelhança entre todas as atividades que foram ligadas a essa palavra. Porém, é importante observar e tentar perceber se, por algum motivo, existe algum critério em comum no uso deste termo por diferentes sociedades. [3]

Apesar das inúmeras discussões sobre a ideal definição do termo "populismo" e da dificuldade em comum de se encontrar a definição "perfeita", ou seja, de se encontrar o mencionado "sapato de Cinderela", seria interessante

[1] Margaret Canovan, *Populism* (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1981), 7.
[2] Isaiah Berlin, *To Define Populism* (The Isaiah Berlin Literary Trust, 2013), PDF.
[3] Ghita Ionescu, org.; Ernest Gellner, *Populism: its meaning and national characteristics (*New York: Macmillan, 1969), 219.

observar, de maneira cautelosa, o que esses fenômenos possuem em comum, apesar de muitos, à primeira vista, parecem completamente diferentes.

O politólogo Jan-Werner Müller, visando esclarecer as formas de se identificar comportamentos contemporâneos como populismo, disserta que, para um político ser considerado populista, é necessário, primeiramente, que este apresente uma visão crítica a respeito da elite, de modo que, em sua visão, o povo diverge da elite. Além disso, o político populista também apresenta um caráter anti-pluralista, ou seja, define a si próprio como o único capaz de representar o povo. No discurso do populista, todos os que se opõem, ou simplesmente não concordam com o seu partido, utilizam-se de métodos ilegítimos, falsos e até amorais. Dessa forma, o populista não se afirma como um simples representante do povo, e sim como parte dele. [4]

Na obra de Cass Mudde, discute-se como um crescente grupo de cientistas sociais nos últimos tempos utilizou de uma chamada "abordagem ideacional" para definir o populismo, onde este se caracterizava como sendo um discurso, uma ideologia, ou mesmo uma visão de mundo. Apesar da dificuldade para definir-se um consenso, essas definições ideacionais do populismo têm sido cada vez mais adotadas no mundo.[5]

Ernesto Laclau defende que os agentes populistas se utilizam, não da ideologia, mas da retórica, e que a ideologia e a retórica envolvida na ação política devem ser vistas como coisas diversas nos casos em que a retórica representar

[4] Jan-Werner Müller, *What is Populism*? (UK: *Penguim* Books, 2017).
[5] Cas Mudde, *Populism: A Very Short Introduction* (New York, NY: Oxford University Press, 2017), 5.

somente um adorno de linguagem, sem a intenção de concretizar o discurso na realidade. [6]

A este respeito, Miguel Prata Roque discorda da concepção do populismo como um simples método discursivo, já que, atualmente, os agentes populistas não se utilizam somente de linguagem e comunicação para difundir seus ideais, o populismo atual pretende que, por meio do discurso, se alcance a ação. Na visão do autor, o populismo contemporâneo consiste em uma renovada estratégia de ação política, sustentada por um discurso simplificador e manipulador, baseado em uma lógica de confronto, onde se busca criar a ideia de antagonismo entre uma suposta elite corrupta e abusadora, e uma maioria incorrupta e bem-intencionada. [7]

Ainda segundo Miguel Prata Roque, o populismo contemporâneo possui como características traços como: um discurso que se se baseia em manipular emocionalmente os fatos; uma comunicação simplificada; o uso da tecnologia de forma estratégica; maniqueísmo antagonizador e o providencialismo seguido da imagem de um líder sacralizado. [8]

Por fim, Ernesto Laclau sugere ainda uma abordagem alternativa, na qual o primeiro ponto a se questionar é se a dificuldade em se definir o populismo consiste em defini-lo de forma a excluir qualquer apreensão conceitual inerente à sua lógica política. Ou seja, quando a definição de populismo se dá de forma vaga, imprecisa, dificilmente se conseguirá determinar sua *differentia specifica*. Inicialmente, é importante separar o conceito político racional daquele indefinido e irracional, e após chegar a uma decisão intelectual estratégica, a questão a ter-se

[6] Ernesto Laclau, *On Populist Reason*, (London: Verso, 2005), 12.
[7] Miguel Prata Roque, org., *O Populismo no Século XXI: Democracia sob Ataque?*, (Lisboa: AAFDL Editora, 2023), 197-198.
[8] *Idem, ibidem*, 198.

em consideração é: para quais realidades sociais e ideológicas o populismo se aplica. Tal questão costuma ser substituída por "de que realidade ou situação social o populismo pode ser considerado como expressão?". Desta forma, considera-se somente a esfera social a qual o populismo se refere. A este ponto, as alternativas que restam são: restringir o populismo a uma das suas variações históricas ou tentar adotar uma definição geral e limitada. Uma forma de afastar a visão errônea comumente associada ao populismo é começar questionando a nós mesmos se, por exemplo, o discurso vago tão presente no populismo não seria um simples reflexo de uma realidade que, de certa forma, também se apresenta como vaga e indefinida, e, com isso, se não seria possível resumir o populismo em uma operação política e ideológica desajeitada, mas que possui racionalidade própria.[9]

Apesar de muitas serem as definições e visões a respeito do populismo, nosso entender é que o populismo se baseia, fundamentalmente, na existência de um apelo ao povo em detrimento da elite, de forma que a sociedade parece se dividir entre um "povo imaculado" e uma "elite perigosa", que deve ser combatida a qualquer custo, já que a vontade do povo é soberana, e deve ser defendida contra todos os que a esta ofereçam qualquer ameaça.

3. O populismo nos primórdios da democracia

Apesar de muito se dissertar a respeito do populismo como um fenômeno moderno, atual, fruto de uma sociedade contemporânea, os primeiros sinais do populismo se deram já na antiguidade. Mesmo não existindo, na época, qualquer

[9] Laclau, *On Populist Reason*, 16-18.

tentativa de definir o populismo, é possível perceber o populismo presente em discursos e formas de governo.

Na Grécia antiga, os tiranos do arcaísmo utilizavam-se da ideia de proteger o "*demos*", ou seja, o povo, contra as elites aristocráticas. As elites, neste período, já eram representadas nas obras de Hesíodo e Homero, onde estes escritores relatavam a maneira como os gregos reconheciam as hierarquias. Hesíodo, em sua obra "*Works and Days*", centrou-se em retratar o período arcaico, no qual as famílias aristocráticas faziam alianças e, também, lutavam entre si. Dentre estas lutas pelo poder, uma nova classe surgia, formada por não-elitistas, que começaram a se afirmar em Atenas, no século V a.C., por meio da instauração de um regime democrático.[10]

Nas sociedades gregas da antiguidade, os ricos desfrutavam de jantares e festas; já os pobres, em sua maioria, viviam como camponeses sem terra ou catadores urbanos, embora poucos ainda conseguissem trabalho como artesãos ou pequenos agricultores. Os ricos eram minoria, e os "muitos" eram aqueles que não tinham o luxo e o status social das elites. A classe média era uma alternativa para essa divisão. Tal como muitas sociedades atuais, a política grega de 600 a.C. traz à tona o debate a respeito de como seria possível, e em que termos, os ricos e pobres poderiam conviver em uma única política. Sólon (630 a 560 a.C.), um aristocrata ateniense e legislador convocado por seus compatriotas para buscar a diminuição dos conflitos entre ricos e pobres, escreveu leis que possibilitaram aos pobres de possuírem um papel na política. Com isso, Sólon pôs fim ao domínio aristocrático exclusivo. A paz cívica alcançada por Sólon deu-se, fundamentalmente, pela

[10] Melissa Lane, *The Birth of Politics: Eight Greek and Roman Political Ideas and Why They Matter* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2014, 29-31).

atenção às relações econômicas. Assim como alguns legisladores de outras sociedades, Sólon aboliu o direito que os pobres possuíam de penhorar seus corpos como garantia de dívidas, já que isso claramente se tratava de uma restrição à liberdade contratual dos pobres, que, em caso de inadimplência, corriam o risco de serem apreendidos ou vendidos como escravos. Na visão de Sólon, nos contextos em que o pobre é vulnerável, este já não pode ser considerado como cidadão igual, pois não mantêm, em si próprio, a segurança de seu status de cidadão. [11]

Apesar da ideia de que a Grécia antiga foi o berço da democracia, apenas os homens livres possuíam direitos políticos, de forma que mulheres, escravos e forasteiros eram excluídos desta possibilidade. A igualdade e seu conceito eram motivo de espanto, de forma que o resultado disto era uma disputa entre os partidos da oligarquia e democratas. A ideia de que esse grupo de pessoas, que anteriormente parecia alheia a qualquer decisão política, ser agora responsável pela tomada de decisões que afetariam toda a sociedade, fazia com que a corrente política tradicional olhasse com desconfiança para a "*demokratia*", já que, na visão da elite, o ato de governar exigia um conhecimento ao qual somente os mais abastados tinham acesso. De fato, é inegável afirmar que, no contexto da época, apenas a classe privilegiada possuía disponibilidade de tempo e meios para se educar. [12]

Mesmo com toda a idealização da democracia na Grécia antiga, a demagogia se tornou bastante presente. Os denominados demagogos da época eram descritos como figuras carismáticas, que manipulavam a opinião pública por meio de seus discursos sensacionalistas. Em síntese, eram ambiciosos e sem moral. O

[11] *Idem, ibidem*, 31-34.
[12] José Clavijo, "*Los antiguos orígines del populismo moderno"*, Nexos, 3 de outubro de 2019, https://redaccion.nexos.com.mx/los-antiguos-origenes-del-populismo-moderno/.

primeiro deles, Cleon, se tornou personagem das obras de Tucídides e Aristófanes, sendo retratado como um demagogo de má índole. Os conflitos políticos e sociais se tornaram mais frequentes no final do século V a.C., e com os altos e baixos da Guerra do Peloponeso, as tensões entre a classe aristocrática e o povo se tornaram ainda maiores, já que os demagogos tiraram proveito das circunstâncias para explorar as paixões patrióticas e as ambições hegemônicas dos atenienses, o que resultou em uma sociedade cada vez mais polarizada.[13]

Neste sentido, Tucídides, em sua obra "História da Guerra do Peloponeso" dissertou:

> A audácia irracional passa a ser considerada lealdade corajosa em relação ao partido; a hesitação prudente se torna covardia dissimulada; a moderação passa a ser uma máscara para a fraqueza covarde, e agir inteligentemente equivale à inércia total. Os impulsos precipitados são vistos como uma virtude viril, mas a prudência no deliberar é um pretexto para a omissão. O homem irascível sempre merece confiança, e seu oposto se torna suspeito. O conspirador bem-sucedido é inteligente, e ainda mais aquele que o descobre, mas quem não aprova esses procedimentos é tido como traidor do partido e um covarde diante dos adversários. Em suma, ser o primeiro nessa corrida para o mal e compelir a entrar nela quem não queria é motivo de elogios.[14]

Observando a obra de Tucídides, ao nosso entender, percebemos que o comportamento induzido pelo populismo na antiguidade muito se assemelha ao que é disseminado atualmente.

Diferentemente a democracia em Atenas, a democracia em Roma sempre teve uma natureza mais limitada e indireta, o que afetou o sucesso da estratégia

[13] *Id* José Clavijo, "*Los antiguos orígines del populismo moderno"*, Nexos, 3 de outubro de 2019, https://redaccion.nexos.com.mx/los-antiguos-origenes-del-populismo-moderno/.
[14] Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, 4.ed (Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2001), 198-199.

populista. A política em Roma era dominada exclusivamente pela elite, e a não havia democracia direta, nem mesmo representativa. Ao povo, restava somente confirmar o que era decidido pela elite, e o número da população que participava da seleção dos titulares de cargos públicos era bem menor que em Atenas. Como as votações eram realizadas dentro da cidade, os pobres acabavam por ser excluídos, já que não tinham a disponibilidade de tempo necessária para ouvir os discursos e votar. Apesar de Roma não se enquadrar nos padrões da democracia participativa, as massas podiam ser mobilizadas para ganhar e manter altos cargos. As elites romanas precisavam manter uma boa reputação para suas campanhas, e Cícero era um deles, e apesar de desprezar a multidão, a necessidade de se candidatar a um cargo o fez apresentar-se publicamente como representante do povo. O apoio do povo era muito importante, de forma com que o povo acabava por, mesmo indiretamente, fazer parte da estrutura do governo.[15]

No século II a.C., Roma, havia conquistado uma posição de destaque no Mediterrâneo, mas, apesar do alargamento das fronteiras e do enriquecimento da república, as elites senatoriais pareciam deter para si os frutos desta glória, o que resultou em um ressentimento da plebe, que se viu diante de uma elite que parecia ignorar suas necessidades. Com isso, o discurso populista encontrou um terreno fértil, e as dinâmicas políticas tradicionais já não conseguiam se adaptar à nova situação. Como consequência da revolta gerada por um povo que não se sentia representado pela classe política vigente, bem como das guerras civis que se desencadearam desde então, a ordem política entrou em colapso. Diante dessa situação de completa mudança, surgiu uma nova classe política, visando defender

[15] Paul D. Kenny, *Why Populism? Political Strategy from Ancient Greece to the Present* (Cambridge: Cambridge University Press: 2023).

os interesses da plebe romana em detrimento dos nobres. Os chamados "populares" promoveram diversas reformas, dentre estas, a distribuição de propriedades dos patrícios à plebe. Dentre as figuras populistas importantes da época, estavam os irmãos Graco, que apesar de desafiarem a supremacia do Senado, demonstravam um verdadeiro desejo de sanar os problemas existentes na sociedade romana. Apesar disto, as reformas promovidas pelos Graco sofreram influência tanto por parte dos interesses oligárquicos como plebeus, o que, porém, não muda o fato de que os irmãos Graco eram muito coerentes. [16]

Públio Clódio Pulcro, por sua vez, era um político populista que agia de forma violenta e intimidadora, mas que possuía ideias ambiciosas, chegando a criar um programa legislativo de distribuição de cereais, o que conquistou boa parte da plebe a seu favor. Existiam algumas contradições no populismo greco-romano, dentre elas o fato de Péricles, que contribuiu para a ascensão de Atenas e presidiu a Idade do Ouro, ter, ainda assim, insistido em políticas populistas que prejudicavam a pólis. O imperador Júlio César, por sua vez, colaborou para que se dessem reformas consideráveis, no que se referiu ao povo, dentre estas, estava a distribuição de terras aos pobres e aos veteranos de guerra e, ainda, a anulação de dívidas. O poder de Júlio César era proveniente das massas, tanto que, após sua morte, a causa popular perdeu força, e a República deu lugar à era imperial. O populismo, porém, continuou existindo. Dentre as principais semelhanças entre os demagogos atenienses e os populares romanos está o fato de que ambos tiveram seu auge em períodos de mudanças tanto políticas, quanto econômicas e sociais. Uma segunda semelhança é que, apesar do discurso voltado para as massas, a

[16] José Clavijo, "*Populismo moderno."*

maioria dos populistas era formada por homens provenientes de famílias abastadas.[17]

Com isso, percebe-se que o populismo não surgiu de forma premeditada, mas como uma resposta ao descontentamento popular com as atitudes das elites abastadas, as quais pareciam preocupadas somente em satisfazer as próprias ambições, ignorando a situação econômica e o bem-estar social da maioria da população. Apesar de o populismo não ter sido a razão principal para o declínio da democracia ateniense e da república romana, ele claramente contribui para isso. Apesar das diferenças históricas, muitas são as semelhanças entre o populismo na antiguidade e o populismo dos dias atuais.

4. O populismo como fenômeno político

Apesar de os primeiros sinais do populismo terem surgido ainda na antiguidade, juntamente com a ideia de democracia, as primeiras manifestações do populismo como um fenômeno político tiveram lugar na segunda parte do século XIX.

Na Rússia, o movimento *narodnik* é considerado um dos pioneiros no que se referia ao populismo. O termo *narod,* que significa "pessoas", juntamente a *volya*, ou seja, "vontade" traz a ideia muito difundida no populismo, que é a da superioridade da vontade soberana de um povo como um todo. Os *narodniks* se caracterizavam, em sua maioria, por intelectuais de classe média, que movidos pela representação romântica da vida camponesa, acreditavam que a cultura rural russa deveria ser preservada. Quanto aos camponeses, estes, em sua maior parte, eram

[17] *Idem, ibidem.*

monarquistas, apesar de possuírem um grande sentimento de autonomia. Diante da impossibilidade de trabalhar de forma autossuficiente, os camponeses trabalhavam em conjunto, o que, para os intelectuais que viviam na cidade, assemelhava-se a uma forma de socialismo, ou até de comunismo, que deveria ser protegida contra o capitalismo, os proprietários de terras e a aristocracia. Com a ideia de proteger o novo movimento do povo, foram criadas organizações políticas, como a *Narodnaya Volya*, ou "A Vontade do Povo".[18] O movimento *narodniki* buscava uma emancipação, que resultaria, dentre outras coisas, no socialismo russo e, por fim, na revolução de 1917. [19]

Nos Estados Unidos, ainda na década de 1880, pequenos agricultores do sul e do oeste do país deram início a uma das grandes manifestações iniciais do populismo. Com o intuito de comprar terras e estabelecer fazendas, esses agricultores tomaram empréstimos de diversos bancos. Ocorre que, o lucro esperado acabou por não ser obtido, e o pagamento dos empréstimos estava cada vez mais oneroso. Iniciou-se, então, um discurso que denunciava a brutalidade do mundo financeiro. As ferrovias, por sua vez, abusavam do monopólio que possuíam, e sentiam-se livres para impor taxas abusivas para frete de mercadorias aos agricultores. Espremidos entre altas taxas de juros e valores de frete abusivos, os fazendeiros acabaram por organizar-se no movimento denominado *People's Party*, que possuía por base em seu discurso uma série de reivindicações, como, por exemplo, a nacionalização das empresas ferroviárias e o controle de bancos. Posteriormente, surgiu o movimento *Tea Party*, que, embora compartilhasse da

[18] Simon Tormey, *Populismo: Uma Introdução Concisa* (São Paulo: Cultrix, 2019), 17-23.
[19] Dominique Reynié, *Les nouveaux populismes*, (France: Hachette Pluriel Editions, 2013), 19.

mesma ideia de rejeição das elites presente no *People's Party*, visava uma abstenção do Estado em controlar a sociedade civil americana.[20]

Na América Latina, por sua vez, o populismo teve como ponto de referência para muitos estudos a emergência dos regimes do "homem forte", nos quais o foco era voltado para a dinâmica política entre governantes e governados. Juan Perón destacou-se como a clássica figura de líder no que se refere aos estudos do populismo na América Latina. Perón chegou ao poder em 1943, após um golpe militar, e essa forma de regime se tornou modelo para muitos outros no continente, que afirmavam representar o povo e que argumentavam, fundamentalmente, que o líder entendia as necessidades do país. [21]

Na visão de Simon Tormey, a crise foi um dos fatores essenciais para que o populismo ganhasse espaço como um fenômeno político. No caso dos *narodnkis*, por exemplo, o populismo surgiu em um contexto em que o povo se encontrava sob o domínio de um poder aristocrático, e na falta de qualquer forma de contestar esse regime, a linguagem do povo *versus* elite se tornou uma forma de os ativistas gerarem *momentum* político. Diante de um governo que negligenciava as necessidades do povo, de más colheitas e de um modo de vida questionável, o populismo ganhou espaço para prosperar. Já nos Estados Unidos, as dificuldades enfrentadas por pequenos agricultores, bem como lojistas, pobres e marginalizados, geravam um sentimento de crise, onde estes sentiam que suas necessidades e interesses eram ignorados pelo *mainstream* político, o que deu espaço para a criação de partidos que se utilizavam da linguagem do povo para conquistar a atenção de todos os que se sentiam prejudicados pela elite governante. Na América

[20] *Idem, ibidem*, 22-23.
[21] Tormey, *Populismo*, 20.

Latina, a atmosfera de crises de identidade, de padrões de vida, de sobrevivência coletiva e até mesmo de nacionalidade fez com que o populismo ganhasse cada vez mais espaço no âmbito político.[22]

Ao nosso entender, os primeiros movimentos do populismo como fenômeno político demonstram uma revolta daqueles que acreditavam ter suas necessidades ignoradas, e que, de certa forma, sentiam-se presos a determinado estilo de vida. No caso dos *narodniks*, as más colheitas, um estilo de vida questionável e o sentimento de abandono por parte do governo fizeram com que o populismo ganhasse voz. Nos Estados Unidos, a pobreza, a inevitável subordinação ao monopólio das ferrovias, as taxas abusivas e a brutalidade do mundo financeiro foram fatores que impulsionaram para o surgimento do *People's Party.* Já na América Latina, as crises de padrões de vida e de identidade resultaram na ascensão do populismo no âmbito político.

5. Populismo: um fenômeno de crises?

Por mais que a crise cultural seja um fator importante para a ascensão do populismo, as crises econômicas, em diversos períodos, foram fundamentais para que as pessoas, movidas por diferentes fatores, acabassem por se atrair por políticas que diziam ser diferentes daquelas defendidas pela elite governante, que parecia quase sempre ser pouco afetadas nas situações em que as pessoas "comuns" se viam sem qualquer perspectiva.

Atualmente, a crise é frequentemente associada à falha, seja do sistema financeiro, político, democrático etc., e com base nessa falha, têm se a necessidade

[22] *Idem, ibidem*, 26-27.

de corrigir o problema para conter a crise. Porém, falha e crise são duas coisas diferentes. Uma falha em determinado sistema e uma crise podem ser diferenciados pelo modo como são mediados. Uma falha não exige uma ação para corrigi-la automaticamente, já a crise, sim. A crise é como uma espetacularização do problema, é quando a falha se torna cultural, se tornando foco de decisões e ações históricas. A crise é sempre mediada, representada, e isso a torna parte da essência do populismo.[23]

Desde a antiguidade clássica, quando apresentou seus primeiros sinais, o populismo, apesar de ainda sequer denominado, ganhou espaço em um momento em que a sociedade vivenciava uma crise, já que este surgiu justamente como uma resposta, uma forma de lutar para sanar o descontentamento da população com as atitudes das elites, onde estas pareciam se importar apenas em satisfazer suas próprias vontades, deixando o restante da população sem qualquer possibilidade de mudança no contexto em que se encontrava.

Mais tarde, com suas primeiras manifestações como fenômeno político, o populismo ganhou força como uma política de resposta a uma certa negligência por parte da elite governante em relação a determinadas questões socioeconômicas e culturais.

Nas décadas de 1920 e 1930, uma crise significativa atingiu o mundo, afetando, na maioria dos lugares, mais os pobres que os ricos. Dentre os que sofreram privações, estavam camponeses, trabalhadores que perderam seus empregos e pequenos comerciantes. Todos tiveram que arcar com as dívidas e taxas

[23] Benjamin Moffitt, *The Global Rise of Populism* (Stanford, California: Stanford University Press, 2016), 120.

constantes, que iam de confronto a uma renda cada vez menor. Durante este período, buscou-se por vários "bodes expiatórios", dentre eles, banqueiros e capitalistas, chegando-se até a acusar os judeus como sendo os grandes culpados da crise. A ideia de que havia um suposto plano por trás de toda aquela situação fez com que o populismo começasse a se alastrar por muitos países. Os políticos apresentavam-se como os protetores do povo contra o inimigo invisível, e apesar de a maioria não possuir conhecimentos a respeito de questões econômicas, o discurso apresentado era sempre convincente. Geralmente, os políticos populistas ampliavam o aparato do Estado, e introduziam programas de obras públicas visando diminuir o desemprego. As ditaduras conservadoras haviam perdido poder, e as pessoas esperavam que os problemas fossem solucionados de forma prática, e foi justamente esse o comportamento adotado pelas políticas populistas, que surgiram em vários lugares neste período. [24]

Com a inflação da década de 1920 e os altos índices de desemprego da década de 1930, a confiança do povo na capacidade dos governos tradicionais de gerenciar a economia se tornou cada vez mais escassa. Ao invés de fazer o possível para ajudar aqueles que mais estando sofrendo com a situação, o *establishment* político optou por reduzir os programas de apoio social, o que fez com que a população começasse a apoiar políticos extremistas. No caso da Alemanha, os demagogos que assumiram o poder atacavam as minorias religiosas e éticas, repudiavam o livre comércio e, ainda, proibiram inúmeras transações financeiras internacionais. Grandes segmentos da economia passaram a ser controlados pelo governo, e o mercado passou a ser desprezado. Na Itália, após a Primeira Guerra

[24] Dietmar Rothermund, *The Global Impact of the Great Depression: 1929-1939*, (London; New York: Routledge, 1996), 136.

Mundial, Benito Mussolini ascendeu ao poder devido ao caos que a situação refletia. Da mesma forma que Hitler, Mussolini apelava para um discurso nacionalista, visando obter apoio em um ambiente economicamente prejudicado. A imagem do homem forte sustentada por Mussolini buscava fazer com que o povo acreditasse que somente com base na autoridade seria possível reverter o cenário da época. Mussolini tinha como objetivo principal o fortalecimento do Estado em detrimento da liberdade individual.[25]

Em 1932 e 1936, na América, Franklin Roosevelt em suas campanhas, assim como Ronald Reagan em sua campanha de 1980, foram parte do que os especialistas chamam de "eleições de realinhamento", onde a visão de mundo predominante é desafiada por um partido ou candidato presidencial, causando uma convulsão, que acaba por reordenar as coligações existentes, conduzindo, assim, a um novo partido de maioria. Essas eleições são raras, e são frequentemente provocadas por circunstâncias como, por exemplo, uma depressão econômica, uma guerra, e determinadas explosões políticas que acabam por questionar a visão de mundo predominante. No caso dos Estados Unidos, as candidaturas e movimentos populistas são uma forma de manifesto de tais explosões. [26]

Na América Latina, a grande depressão fez com que surgisse a busca por uma política econômica nacional que diminuísse a dependência dos países desenvolvidos. Outro "inimigo" também eram as oligarquias indígenas, que visavam obter lucros por meio das exportações, ignorando o desenvolvimento do mercado interno. As oligarquias definiam-se como "liberais" e defendiam o livre

[25] Barry Eichengreen, *The Populist Temptation: Economic Grievance and Political Reaction in the Modern Era*, (New York: Oxford University Press, 2018), 73.
[26] John B. Judis, *A Explosão do Populismo (Portuguese Edition)*, (Lisboa: Editorial Presença, 2017), 36-37.

comércio, porém, quando surgiam oportunidades de obter benefícios por meio de subsídios ou de esquemas de estabilização de preços, qualquer doutrina era facilmente ignorada. Diante disso, os líderes populistas, visando a obtenção de vantagens políticas, acabavam apelando para as classes mais baixas, que sofriam com as consequências da depressão. A Argentina seguiu um rumo diverso, já que a Primeira Guerra Mundial acabou por restringir as importações, dando origem, ao mesmo tempo, ao possível início de uma substituição destas. Após anos de agitação no período pós-guerra, o general Irigoyen voltou ao poder, depois de ter governado a Argentina no período da guerra, e foi derrubado em 1930, após não ter tomado nenhuma atitude em relação à grande depressão, sendo substituído pelo general Uriburu, que não possuía um caráter populista e mantinha interesses em defender a velha oligarquia agrária e em manter boas relações com a Grã-Bretanha. O país foi governado por um grande período por políticos não populistas, tendo experimentado uma onda de populismo somente após a Segunda Guerra Mundial, por meio do peronismo, uma forma de reagir à negligência dos interesses nacionais durante a crise.[27]

Em 2008, a crise financeira global que provocou a recessão, e a austeridade utilizada como resposta por muitos governos foram fatores importantes para a ascensão do populismo pelo mundo democrático. Até 2006, a economia global desfrutava de um período de crescimento, o que levou ao desenvolvimento de grandes projetos de infraestrutura, bem como à expansão dos serviços públicos e ao sentimento generalizado de bem-estar econômico. Apesar disto, as críticas tanto quanto à governantes de esquerda quanto de direita, ainda existiam. Para a esquerda, tratava-se de um período de continuação da hegemonia das políticas

[27] Rothermund, *Great Depression: 1929-1939*, 143.

neoliberais, que eram um, legado da geração anterior de políticos como Margaret Thatcher e Ronald Reagan. As preocupações da direita, por sua vez, se voltavam para as fronteiras abertas e a ideia multicultural de que era preciso aceitar o livre fluxo dos povos. Para aumentar a liquidez, necessária para sustentar todo o investimento feito nesse período, houve a firme desregulamentação dos bancos, que acabou levando a uma bolha financeira de enormes proporções, que acabou por estourar em 2008. Após ter investido somas consideráveis de dinheiro na promessa de retornos, o governo islandês entrou em *defaul*t, o que demonstrou o excesso que vinha sendo cometido pelos grandes bancos. Com o falimento do Lehman Brothers, as instituições financeiras dos dois lados do Atlântico entraram em colapso. [28]

Diante da ameaça iminente de uma ruína do setor bancário e da eliminação de poupanças de milhões de cidadãos, o governo teve de intervir para manter em atividade o setor bancário, e utilizou-se do tesouro público para cobrir as dívidas dos principais bancos e alcançar a liquidez necessária. Com isso, o dinheiro que seria destinado a serviços públicos, bem como projetos de infraestrutura e investimento em empresas e negócios acabou sendo utilizado para socorrer aos bancos, o que gerou uma queda acentuada na economia e uma recessão no mundo ocidental. Em resposta à recessão, os governos adotaram medidas que incluíam congelamentos de salários do setor público, cortes nos orçamentos de saúde, educação e habitação, entre outros. Apesar da crise, uma minoria favorecida permaneceu ilesa, o que gerou descontentamento entre os cidadãos, que começaram a tomar as ruas e protestar. A crise financeira afetou profundamente a percepção pública a respeito da competência e da probidade das elites governantes, e os cidadãos começaram a se cansar dos tradicionais partidos políticos. O primeiro-

[28] Tormey, *Populismo*, 45-46.

Ministro do Reino Unido, Gordon Brown, foi destituído do cargo em 2010, sem qualquer cerimônia. O mesmo comportamento se repercutiu na França, Alemanha, Espanha e Itália, e a história se repetiu nas democracias avançadas. Novos partidos surgiram, advindos de fora da corrente principal da política, e começaram a ganhar visibilidade. Um exemplo disso foi Jeremy Corbyn, conhecido por opiniões de extrema-esquerda, que acabou por ser eleito líder do Partido Trabalhista do Reino Unido em 2015. A eleição de Corbyn foi como uma porta de entrada para novos membros, de forma que o partido político se transformou no maior da Europa ocidental em número de filiados. [29]

Atualmente, a Europa passa por um momento de grande convulsão, em que grande parte dos países sofre com o endividamento público excessivo, que mina a imagem do poder soberano, limitando as ações do Estado. Embora a dívida aparente estar sob controle, um crescente desequilíbrio demográfico continua a ameaçar as contas sociais. Com a crescente escassez de recursos energéticos, as tensões estão aumentando, e este cenário se torna ainda mais hostil diante das acusações de que a elite está esbanjando os recursos públicos, de que os desempregados nada fazem para arranjarem trabalho, de que os imigrantes estão consumindo excessivamente os orçamentos sociais etc. [30]

Segundo Benjamin Moffitt, a crise financeira global, bem como a dívida soberana da zona do euro, teve grande influência no que se refere à forma como os cidadãos viam a situação política vigente, e diante um sentimento de desilusão,

[29] *Idem, ibidem*, 47.
[30] Reynié, *populismes*, 51-52.

passou-se a se desconfiar cada vez mais do sistema político vigente, de forma que, o discurso que visava defender "o povo" ganhou cada vez mais espaço.[31]

Para Laclau, o populismo jamais emerge de um exterior absoluto, mas articula exigências deslocadas em torno de um novo núcleo. Desta forma, é necessário que exista algum grau de crise na antiga estrutura para que o populismo possa existir. Segundo o autor, é indispensável, para as identidades populares, que existam cadeias de exigências não satisfeitas. Sem a recessão dos anos 30, por exemplo, Hitler jamais seria algo mais que um líder de franja vociferante. [32]

Roger Eatwell destaca, em suas considerações, que a devastação causada pela Grande Depressão, nos anos entre guerras, deu início a um período onde os governos do Ocidente passaram a assumir uma responsabilidade maior em relação ao bem-estar econômico dos cidadãos, se comprometendo, assim, a obter altos níveis de emprego e, ainda, a expandir o sistema de bem-estar social. Devido a isso, após a Segunda Guerra Mundial, surgiu o que se denominou de "era dourada", com salários elevados e crescente igualdade de riqueza. Porém, a "era dourada" durou somente até a década de 1970, tendo terminado com um período de inflação acompanhada de baixo crescimento, a chamada "estagflação", e contra isso, o fundamentalismo de livre mercado acabou por retornar, ficando conhecido como neoliberalismo, e tornando-se global na década de 1980. [33]

Devido às taxas de crescimento ocidentais desapontadoras e ao colapso financeiro global iniciado em 2008, que deu origem à Grande Recessão, o neoliberalismo passou a ser atacado no século XXI. A respeito disso, Eatwell

[31] Moffitt, *Populism*, 1.
[32] Laclau, *On Populist Reason*, 177.
[33] Roger Eatwell, *National Populism: The Revolt Against Liberal Democracy* (UK: *Penguim* Books, 2018), 179.

defende que, para compreender a forma como o desenvolvimento econômico histórico influenciou para a ascensão do populismo, é necessário ter em mente a ascensão do capitalismo. Inicialmente, é necessário se considerar que o capitalismo ocidental celebra a busca do auto interesse, de forma a maximizar o crescimento econômico de todos; outra questão é que o capitalismo, historicamente, foi legitimado não somente por sua capacidade de proporcionar benefícios materiais, mas também foi sustentado por valores religiosos, onde o trabalho partilhado e a comunidade deveriam ser celebrados. O nacionalismo também reforçou o etos do capitalismo. Na Europa do pós-guerra, a taxação redistributiva, o pleno emprego e as consideráveis redes de bem-estar social exerciam um papel fundamental na economia. Nos dias atuais, porém, a religião tem um impacto bem menor nos valores sociais, e o nacionalismo surge como um desafio para a ascensão do capitalismo. Com base nos pontos destacados, conclui-se que a revolta nacional-populista tem uma ligação parcial com a ascensão do neoliberalismo, particularmente devido a uma ideia de privação, que no contexto econômico envolve o estado mental das pessoas, bem como suas percepções a respeito de como sua posição está mudando, comparado a outros. [34]

Segundo Benjamin Moffitt, os atores populistas praticam nada menos que uma "espetacularização do fracasso" diante da crise, de forma que estes fomentam a já conhecida rivalidade entre o "povo" e a "elite", defendendo a necessidade de uma liderança forte, capaz de agir rapidamente para evitar, ou mesmo resolver a crise iminente. A forma como os políticos populistas fazem para "espetacularizar" a crise consiste em seis etapas principais, que podem ou não ocorrer em ordem exata: a primeira delas se baseia em identificar um problema específico na

[34] *Idem, ibidem*, 180.

sociedade, chamando atenção para ele e buscando elevá-lo ao nível de crise; a segunda etapa consiste em vincular o problema identificado a outros problemas, de forma a parecer que este faz parte de uma estrutura ampla de problemas, elevando-o ao nível de crise, e determinando, ainda um prazo curto para que a solução proposta por este seja implementada; após elevar o problema ao nível de crise, o político populista trata de "identificar" os responsáveis pela tal crise, colocando-os como antagonistas em relação ao "povo"; a quarta etapa consiste em utilizar-se da mídia para propagar a encenação populista, disseminando informações a respeito da crise e ganhando espaço para identificar os inimigos do "povo"; em seguida, cria-se a ideia de que os outros políticos são incompetentes e displicentes, e que existe uma forma simples de resolver a crise; por último, o político populista tende a continuar com a propagação e representação da crise, buscando formas de conter a perda de relevância, já que as crises são eventos temporariamente limitados.[35]

Tanto a Grande Depressão quanto a crise de 2007/2008 tiveram um impacto significativo, não somente no âmbito financeiro como, ainda, no âmbito político. Apesar de estarem dispostas em diferentes períodos e de terem sido fomentadas por diferentes fatores, as crises econômicas fizeram com que os líderes populistas ganhassem espaço e, sobretudo, a confiança do povo. A crise, em muitos casos, mostra-se como um fator ideal para a propagação do populismo, já que, diante de um momento de vulnerabilidade da população e do comportamento quase sempre negligente por parte da elite governante, as pessoas se veem mais propícias a buscar maneiras "radicais" e imediatas para tentar, desesperadamente, mudar o contexto em que se encontram.

[35] Moffitt, *Populism*, 121-129.

O discurso populista, com isso, encontra um terreno fértil para alcançar seu objetivo, já que o político populista se apresenta como a figura do "homem forte", capaz de tomar as rédeas da situação crítica da forma que nenhum adversário seria capaz de fazer. Juntamente a isso, há uma suposta solução rápida e prática para um problema que, até então, não vinha sendo resolvido pelos governantes anteriores, e, por fim, a disseminação do ódio já instaurado contra aqueles que parecem nada sofrer, a elite privilegiada, aqueles que, no discurso dos políticos populistas, são os verdadeiros vilões, culpados pela crise e por outras que desta decorram, e que nada entendem sobre as preocupações do povo. Por outro lado, o populismo tende a favorecer para a existência de outras crises, já que, se o povo estivesse satisfeito com o contexto atual, não haveria qualquer razão para se rebelar contra o comportamento dos governantes tradicionais, nem qualquer necessidade de ser defendido pela figura de um "homem forte".

6. A insegurança econômica, a crise de confiança e o desemprego como pressupostos para uma reação populista

O populismo é um fenômeno impulsionado pela crise, e a insegurança econômica nada mais é do que o que acontece depois da crise, ou de qualquer situação em que as pessoas vejam sua qualidade de vida afetada.

Conforme Yotam Margalit, o populismo, assim como tem sua definição discutida por diferentes vertentes, também tem suas causas como fator de discussão. Muitos dos argumentos que se utilizam para explicar a ascensão do populismo estão ligados a antecedentes econômicos, embora diferentes fatores causais sejam citados, a história se assemelha de forma que situações como a globalização, o progresso tecnológico ou a crise financeira acabaram por

transformar os mercados de trabalho, resultando, assim, em um período de insegurança econômica. [36]

A insegurança econômica, com isso, é como uma reação a momentos em que as pessoas se veem afetadas por fatores externos, sejam eles a globalização, o progresso da tecnologia, a crise financeira, entre outros. Essa reação acaba por gerar um determinado pensamento em relação à elite, que acaba sendo vista como a menos atingida pelas circunstâncias, e que, de alguma forma, poderia ter impedido com que a situação chegasse a um nível crítico de insegurança.

Diferentemente do que ocorre com a globalização e da automação, que se caracterizam por serem tendências graduais e irreversíveis, as crises financeiras são eventos agudos do ciclo de negócios que acabam por gerar consequências políticas de caráter repentino e abrangente, e, apesar de as quedas acentuadas geradas pelas crises financeiras desaparecerem a médio prazo, elas podem ter consequências políticas duradouras. Além disso, mesmo com a tendência da globalização e da automação de gerarem perdedores, há também efeitos benéficos nos dois fenômenos, o que não se aplica às crises financeiras, já que, nas recessões induzidas pela crise, a maioria da população acaba por sofrer prejuízos universais, o que faz com que a insegurança econômica promova um descontentamento abrangente e politicamente relevante.[37]

A crise financeira acaba sendo um dos principais fatores para que a insegurança econômica ganhe espaço, pois se comparada às outras situações que

[36] Yotam Margalit, *"Economic Insecurity and the Causes of Populism",* The Journal of Economic Perspectives, vol. 33, nº 4, pp. 152-170, 2019.
[37] Guiso, Luigi, Helios Herrera, Massimo Morelli, e Tommaso Sonno, "*Financial crises as drivers of populism: A new channel"*, 7 de julho de 2022, https://cepr.org/voxeu/columns/financial-crises-drivers-populism-new-channel.

geram ansiedade nas sociedades e que possuem reflexos tanto positivos quanto negativos, a crise, quando ocorre, não traz vencedores, já que todos acabam sofrendo suas consequências, mesmo que em intensidades diversas. A insegurança econômica é um fator que afeta a visão do povo a respeito de seus governantes, de forma que, com o aumento da insegurança econômica, a confiança nos governantes acaba por diminuir, o que torna o populismo uma via atraente para aqueles que, de alguma forma, de decepcionaram com os atuais governantes.

Em um estudo realizado por Denis Ivanov[38], com base em entrevistas com pessoas residentes na Europa, foram estimados os efeitos do Índice Ampliado de Insegurança, onde se analisou a probabilidade de voto em um partido populista com base em um modelo que incluía um conjunto de variáveis de controle, onde se considerou idade, escolaridade, gênero etc., e diante dos resultados alcançados, chegou-se ao que se percebe na figura a seguir, onde se considerou a interação entre todos os níveis do Índice Ampliado de Insegurança e a Confiança Institucional em nível individual no eixo x. O eixo y à esquerda representa a incidência prevista de votos em partidos populistas, já o da direita, por sua vez, mostra a percentagem de observações do histograma do índice de confiança institucional. Vejamos:

[38] Denis Ivanov, "*Economic Insecurity, Institutional Trust and Populist Voting Across Europe"*, Comp Econ Stud65, 461-482 (2023). https://doi.org/10.1057/s41294-023-00212-y.

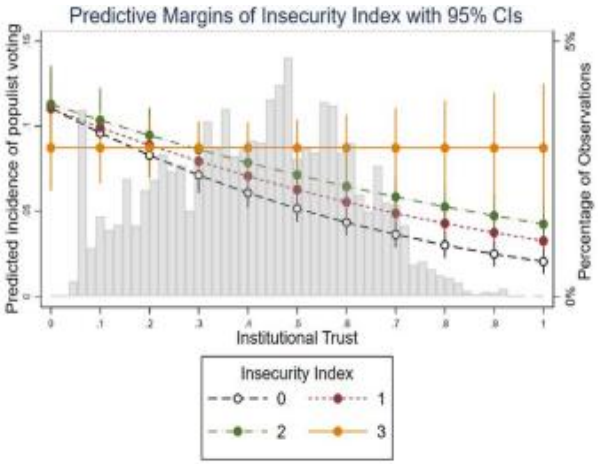

Fig. 1 Margens preditivas do índice de insegurança e da confiança institucional

Figura 1 - Gráfico elaborado por Denis Ivanov que mostra a relação entre o nível de confiança institucional, a insegurança econômica e a porcentagem de votos em partidos populistas.

Como é ilustrado na figura, para todos os grupos, conforme o nível de confiança institucional, a insegurança econômica aumenta a incidência de votos em partidos populistas. Podemos observar, ainda, que para aqueles que possuem maior nível de insegurança econômica, os níveis de confiança institucional não parecem alterar consideravelmente a probabilidade de voto populista, o que mostra que a insegurança econômica ainda possui um peso maior quando se refere à decisão de voto. As pessoas com altíssimo índice de insegurança econômica, mesmo com altos níveis de confiança institucional, continuam optando por votar em partidos populistas, de forma com que, nesse caso em específico, a situação econômica

parece ser bem mais importante que a própria confiança na capacidade dos governantes.[39]

Segundo a OECD, sentimentos de vulnerabilidade e de negligência no âmbito econômico, social e político, fazem com que os níveis de confiança no governo diminuam. Conforme os resultados da Pesquisa de Confiança, as pessoas com preocupações financeiras pessoais tendem a ter um nível baixo de confiança no governo. [40]

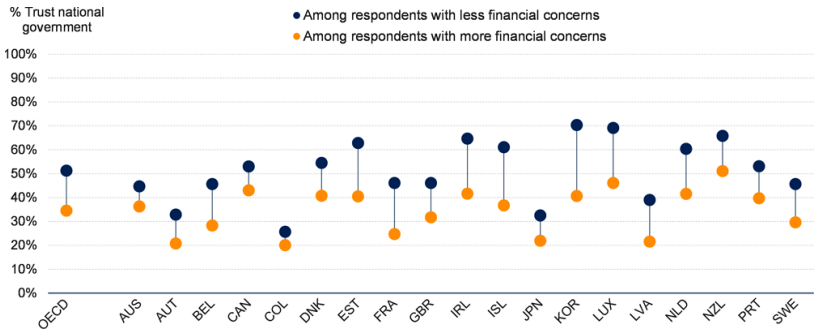

Figura 2 - Gráfico elaborado pela OECD, que mede a relação entre os níveis de insegurança econômica e os níveis de confiança no governo.
Fonte: OECD

Analisando-se a imagem, percebe-se que o nível de insegurança econômica é inversamente proporcional ao nível de confiança no governo, ou seja, as pessoas que possuem menores níveis de insegurança econômica também apresentam maiores níveis de confiança no governo, já as pessoas que sofrem com a

[39] Denis Ivanov, "*Economic Insecurity, Institutional Trust and Populist Voting Across Europe"*, Comp Econ Stud65, 461-482 (2023). https://doi.org/10.1057/s41294-023-00212-y.
[40] OECD *iLibrary*, Socioeconomic *conditions and political attitudes: Microfoundations of trust | Building Trust to Reinforce Democracy: Main Findings from the 2021 OECD Survey on Drivers of Trust in Public Institutions.* OECD *iLibrary*. Última modificação: julho 13 de 2022. https://www.oecd-ilibrary.org/governance/building-trust-to-reinforce-democracy_184914ff-en.

insegurança econômica em um nível maior, acabam por possuir uma porcentagem menor de confiança no governo. A insegurança econômica pode ser medida de diversas formas: por meio do desemprego ou subemprego; de rendas baixas ou irregulares; de empregos instáveis; de um número considerável de dívidas etc. Além dos dados econômicos e sociais, a percepção do status social também afeta a forma como as pessoas veem o governo. Segundo apontam as pesquisas nos países da OCDE, as pessoas que se sentem parte de um status social relativamente mais alto e as de status social mais baixo possuem uma diferença de confiança de 22,9 pontos percentuais, valor esse que ultrapassa a própria diferença entre a renda. [41]

Em síntese, quando um grupo de pessoas se sente seguro em relação ao seu estilo de vida e sua situação econômica, a tendência é acreditar que o governo atual está fazendo a coisa certa e garantindo que o povo tenha suas necessidades supridas. Por outro lado, quando os cidadãos se veem diante da insegurança econômica, onde suas necessidades básicas para um estilo de vida confortável não estão sendo supridas, a tendência é que se comece a pensar que algo não vai bem com o atual governo, que os governantes não estão se esforçando o suficiente e que provavelmente sequer estão sendo afetados pelo caos que a maioria parece estar vivendo.

Na visão de Geoffrey Hosking, a confiança define-se em um conjunto de fenômenos ao mesmo tempo, e trata-se, acima de tudo, de um sentimento, no qual prevalece a sensação de proteção, onde não se pode fazer tudo o que se quer, mas também não se deve fazer nada que vá contra sua própria vontade. A confiança também se reflete em forma de uma atitude, um estado de espírito, onde se tem uma opinião a respeito de algo ou alguém. A desconfiança segue pelo mesmo caminho.

[41] OECD *iLibrary*, "*Socioeconomic conditions and political attitudes: Microfoundations of trust*."

Apesar de não ser fácil chegar a uma definição específica do conceito de confiança, deve-se utilizar de duas definições complementares para guiar-se a respeito de um conceito ideal: a primeira consiste no apego a alguém, ou mesmo a um coletivo de pessoas, ou em uma instituição, com a expectativa de que a pessoa agirá da forma esperada; a segunda se define como a própria expectativa, com base em provas, mesmo imperfeitas, de que tudo acontecerá de uma forma não prejudicial a si. [42]

Fatores como um desempenho insuficiente por parte do Governo, bem como escândalos de corrupção e má qualidade dos serviços públicos, também influenciam na forma como as pessoas enxergam seus governantes. Com a falta de confiança nas instituições, a população tende a se sentir menos disposta a pagar impostos, dificultando assim com que os serviços públicos sejam prestados como se deve, situação esta que acaba por tornar-se um círculo vicioso, já que afeta as instituições, dificultando com que se consiga combater a insegurança econômica. [43]

Com a crise financeira de 2007/2008, houve um declínio de confiança até mesmo entre os bancos, que passaram a se recusar até a fazer empréstimos noturnos entre si, o que costumava ser uma solução comum para problemas de liquidez, devido à falta de confiança na solvência das instituições. Em situações como esta, a confiança torna-se escassa. Buscando-se evitar a falência dos grandes bancos, decidiu-se que os tesouros estaduais prestar-lhe-iam os primeiros socorros, utilizando-se de subsídios, garantias, compras de ações em larga escala etc., visando permitir a continuação da atividade econômica. O resultado disto foi que

[42] Geoffrey Hosking, *Trust: A History* (United Kingdom: Oxford University Press, 2014), 27-28.
[43] Jonathan Perry, "*Trust in Public Institutions: Trends and Implications for Economic Security"*, Global Dialogue for Social Development Branch, Division for Inclusive Social Development, UN DESA, nº 108 (2021). https://doi.org/10.18356/27081990-108.

os governos acabaram por contrair dívidas provenientes de bancos não confiáveis. Visando equilibrar os orçamentos e atrair investidores internacionais, os governos decidiram cortar gastos, atingindo principalmente aqueles menos favorecidos, já que os cortes vieram dos sistemas de bem-estar e previdência social. No Reino Unido, por exemplo, houve corte de verbas para hospitais e escolas, fechamento de bibliotecas públicas, crises no sistema penitenciário, famílias forçadas a deixar suas casas devido ao corte no benefício de moradia, redução nos créditos tributários, entre outros. Todas essas mudanças causaram um impacto negativo na vida das pessoas menos favorecidas, criando um sentimento de não pertencimento, e minando sua confiança no futuro, o que tornou essa situação favorável para os partidos populistas.[44]

Diante disso, destacamos o conceito de Dominique Reynié sobre o "populismo patrimonial", presente na maioria dos países europeus, que se define como uma oferta política criada para se aproveitar de uma dupla ansiedade instalada entre as pessoas, referente tanto no que se refere ao seu patrimônio material quanto ao seu modo de vida. A base eleitoral do populismo patrimonial é, resumidamente, a combinação tanto do medo da mudança do padrão de vida quanto do medo de uma mudança no estilo de vida. [45]

Conforme o Edelman Trust Barometer, a falta de confiança no sistema, juntamente aos receios econômicos e sociais (mais especificamente a corrupção, a imigração, a globalização, a erosão dos valores sociais e o ritmo da inovação) alimentam os movimentos populistas da atualidade. A desconfiança aumenta com o fato de que a mídia passou a ser vista como parte da elite, de forma que os meios

[44] Masamichi Sasak, org., *Trust in Contemporary Society*, (Leiden: Brill Academic Pub, 2021).
[45] Reynié, *populismes*, 37.

de comunicação social são considerados parciais, reforçando crenças pessoais e excluindo pontos de vista opostos. As empresas também encontram-se à margem no que se refere à confiança, já que a maioria da população possui receios a respeito da perda de empregos, à falta de competências, à concorrência com imigrantes que trabalham por menos, à transferência de empregos para mercados mais baratos e à automatização.[46]

O aumento acentuado do desemprego é uma das razões da insegurança econômica que ocasionam a diminuição da confiança no governo, e os índices mostram que, em períodos de crise, o desemprego sempre acaba por ser um dos muitos fantasmas a assolarem a sociedade.

Durante a crise financeira de 1929, o nível de desemprego na Europa foi de 12%, menores, se comparado aos Estados Unidos, onde o desemprego atingiu a altíssima taxa de 25,5%, porém, se analisarmos os números em países como Itália e Portugal, perceberemos que as taxas de desemprego entre os jovens nesses dois países da Europa chegaram a 44% e 35%, respectivamente. [47]

No período da Grande Recessão, a taxa de desemprego na União Europeia sofreu um aumento, indo de 7% em 2007 para 11% em 2013. A dinâmica do desemprego não é igual em todos os países, de forma que, após um pico de curta duração, a Alemanha passou a ter uma taxa de desemprego menor do que nos

[46] Edelman Trust Barometer, *2017, "Edelman Trust Barometer Reveals Global Implosion of Trus*t," Última modificação: Janeiro 15 de 2017, https://www.edelman.com/news-awards/2017-edelman-trust-barometer-reveals-global-implosion.

[47] Tomas Hirst, "*All the Ways the Euro Crisis is Actually Much Worse Than the Great Depression*", Business Insider, 4 de novembro de 2014, https://www.businessinsider.com/stats-the-euro-crisis-v-the-great-depression-2014-10?r=US&IR=T.

tempos da crise; já a Grécia e a Espanha presenciaram um aumento nos níveis de desemprego em mais de 20%.[48]

Em uma análise de caráter regional, baseada na variação temporal no desemprego e na votação em cerca de 220 regiões de 26 países da Europa no período de 2000 a 2017, Algan et al. analisaram, dentre outros, a relação entre a mudança do voto em partidos não tradicionais e a mudança nas taxas de desemprego, antes e após a crise. Os partidos não convencionais foram classificados em: extrema-direita; extrema-esquerda; populista e eurocético. A figura a seguir ilustra o resultado desse estudo:[49]

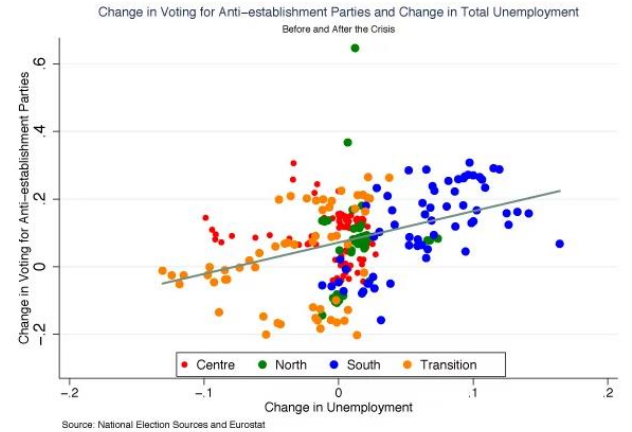

Figura 3 - Figura 3 - Gráfico elaborado por ALGAN et al. mostrando a relação o desemprego e a mudança de intenção de votos em favor de partidos anti-establishment.

[48] Algan, Yann, Sergei Guriev, Elias Papaioannou, e Evgenia Passari, "*The European Trust Crisis and The Rise of Populism"*, Brooking Papers on Economic Activity, (2017): 309-382.
[49] *Idem, ibidem*, 309-382

Com base no gráfico, é visível que entre o aumento do desemprego e o do voto em partidos *anti-establishment* (principalmente populistas) existe uma forte ligação, onde os efeitos mais fortes estão no Sul, mas a relação se estende ainda ao Leste e Centro, sendo pouco significativa apenas no Norte da Europa. [50]

Percebemos, então, que os períodos de crise e suas consequências acabam por gerar a insegurança econômica, e diante disso, as pessoas acabam por enxergar os governos de forma diferente, já que se sentem deixados de lado, negligenciados quando mais precisam de uma intervenção "milagrosa" que somente poderia ser feita pela elite governante. O desemprego está fortemente ligado a isso, já que a qualidade de vida das pessoas diminui, o que gera insatisfação, ansiedade, revolta e desconfiança perante aqueles que deveriam prezar pelo bem-estar do povo. O populismo, com isso, vê a oportunidade ideal para entrar em cena, pois é com base em todo o temor e insegurança do povo, que o político populista tem a chance de se mostrar como uma opção diferente, mais próximo do povo, e mesmo com propostas que pouco possam ser eficazes para, de fato, sanar o problema, o populista apresenta os "culpados" pelo problema e a solução simples para ele, e cria a ilusão de que a única forma de melhorar a crise e a insegurança econômica seria por meio da substituição dos governantes.

7. O populismo de esquerda e a ideia de um bom populismo

Apesar das inúmeras teses que defendem que o populismo é uma ameaça para a sociedade, alguns autores defendem que, com base em seus objetivos, o populismo pode apresentar um efeito positivo para a democracia, de forma a

[50] *Idem, ibidem*, 309-382.

garantir com que a democracia seja exercida, a defender as minorias, a buscar uma sociedade igualitária e a lutar contra os problemas sociais, por meio de políticas entre as classes.

Cas Mudde define que o "efeito positivo" do populismo acontece quando se apresenta como corretivo para a democracia, ocupando-se de fatores como a inclusão daqueles que, de alguma forma, encontram-se marginalizados do "povo". Segundo Mudde, existem vários aspectos pelos quais o populismo pode ter um efeito positivo: o primeiro deles é a possibilidade de o populismo dar voz à "maioria silenciosa", formada por grupos que não se consideram representados pelas elites; o populismo pode também melhorar a integração política de setores excluídos da sociedade, mobilizando-os; outra característica do bom populismo, é a possibilidade de representar os setores excluídos da sociedade por meio da implementação de políticas por eles escolhidas; o populismo também pode servir de ponte ideológica, apoiando para que sejam construídas coalizões sociais e políticas importantes entre classes; a responsabilidade democrática também pode ser aumentada por meio populismo; por último, com o populismo, pode-se ter de volta a dimensão conflituosa da política, de forma a colaborar com a opinião pública e os movimentos sociais. [51]

Com base nesse conceito de "bom populismo", muitos consideram o populismo de esquerda como sendo aquele que busca resolver os problemas de uma sociedade dividida, já que o foco do populismo de esquerda está em proporcionar uma melhor qualidade de vida para aqueles que, de algum modo, se encontram à margem da sociedade.

[51] Cas Mudde, e Katwasser Rovira, *Populism in Europe and The Americas – Threat or Corrective for Democracy?* (New York, NY: Cambridge University Press, 2012), 20-21.

A Grande Recessão afetou diversas economias europeias, provocando uma crise de dívida no continente, e o movimento populista, segundo Chantal Mouffe, representa as diversas resistências às transformações políticas e econômicas que ocorreram ao longo dos anos de hegemonia neoliberal. Diante dessas transformações, surgiu o que se define como "pós-democracia", visando indicar a perda da igualdade e da soberania popular, dois pilares do ideal democrático. Na visão da autora, o movimento populista em que hoje vive a Europa Ocidental, nada mais é do que a expressão de resistências contra a referida pós-democracia, causada por um período de trinta anos de hegemonia neoliberal. Com a crise dessa hegemonia, surgiu a oportunidade de uma nova formação hegemônica, que poderá apresentar uma forma tanto mais autoritária quanto mais democrática, o que irá depender da forma como essas resistências se articularão e de qual tipo de política desafiará o neoliberalismo.[52]

Para implementar práticas contra hegemônicas com o intuito de provocar um fim ao consenso pós-político, é necessário construir uma fronteira política. A estratégia política da esquerda visa construir essa fronteira utilizando-se de métodos populistas, ou seja, criando um confronto entre o "povo" e a "oligarquia", onde o "povo" se constituiria pela articulação de determinadas demandas democráticas. O "povo", nesse caso, seria uma construção discursiva, o resultado de uma "cadeia de equivalência" entre demandas heterogêneas, e a unidade do "povo" teria por base a identificação com uma concepção demográfica de cidadania, bem como uma oposição à oligarquia. A estratégia populista de esquerda, nesse caso, não seria de criar um regime populista, mas de constituir um sujeito coletivo capaz de lançar uma ofensiva política, de forma a assentar uma nova formação hegemônica na

[52] Chantal Mouffe. *Por um Populismo de Esquerda (Portuguese Edition)* (Verso, 2018), 21-75.

estrutura democrática liberal, capaz de criar condições para que se possa recuperar a democracia. [53]

Segundo Benjamin Moffitt, o populismo pode, de alguma forma, ser visto como um elemento central da democracia, e isso acontece quando o foco principal está na soberania do "povo" em desfavor dos que distorcem a democracia. Alguns exemplos são Hugo Chávez e Beppe Grillo, onde o primeiro é visto como um herói que ofereceu ajuda aos menos favorecidos, e o segundo é visto como aquele que devolveu o poder ao "povo". [54]

Na visão de Laclau, é necessário que a estrutura formal de um espaço político-simbólico seja substituída por um "modo de vida" onde a pluralidade de práticas e vínculos passionais sejam mais importantes que a própria racionalidade. Entretanto, dessa forma, chega-se a um ponto em que a noção de identidade democrática se torna praticamente indistinguível do que o autor chama de "identidade popular", onde os componentes que são o fracasso de uma ordem unicamente conceitual para explicar a unidade dos agentes sociais, a exigência da articulação de uma pluralidade de posições formada por meios nominais e o papel imprescindível do afeto para consolidar essa articulação. Como consequência disso, a construção de um "povo" se torna essencial para o funcionamento democrático. Sem o populismo, não temos o "povo", e, consequentemente, também não há democracia.[55]

Michael Kazin, por sua vez, disserta valorizar as convicções da esquerda não comunista, e afirma que sua ideia de sociedade ideal seria onde a democracia

[53] *Idem, ibidem*, p. 75.
[54] Moffitt, *Populism*, 137.
[55] Laclau, *On Populist Reason*, 169.

inter-racial, bem como as liberdades civis e o direito dos cidadãos de trabalhar de modo criativo e de viver de forma digna fossem protegidos. Somente quando os esquerdistas e liberais expressaram-se de maneira populista, foi possível alcançar uma melhora do bem-estar comum. [56]

Benjamin Moffitt defende que um dos problemas dessa abordagem é a fé exagerada que ela deposita no líder populista, já que, assim como os líderes populistas podem ser uma voz para um grupo de demandas heterogêneas, estes também pode utilizar-se da premissa de que representam a voz do "povo" para se promoverem como infalíveis ou incontestáveis, o que pode se tornar um culto autoritário à personalidade do líder. Outro problema está no fato de que essas visões podem vir a fazer com que as pessoas ignorem questões importantes, como abusos de direitos individuais e corrupções, pois acreditam que são "males necessários" para defender os interesses do "povo".[57]

Benjamin Ardidi, a este respeito, disserta que, apesar da ideia de Laclau, o caráter populista de forte ligação com um líder pode representar um problema, já que Laclau concentra-se na mecânica do modo populista de unificação, sem se atentar, porém, às objeções dos que se importam com a fronteira entre seguir um líder e cultuar uma personalidade. Ardidi reconhece que Hugo Chávez, por exemplo, foi um grande líder político, mas ressalta que aqueles que se desviavam de seus pontos de vista acabavam sendo criticados e marginalizados. O problema em se afeiçoar a um único líder está no fato de que o empoderamento desse líder dura enquanto ninguém ouse contestar suas decisões, e acaba por diluir-se com a

[56] Michael Kazin, *The Populist Persuasion: An American History* (New York: Basic Books – A Division of HarperCollins Publishers 1995), 6-7.
[57] Moffitt, *Populism*, 138.

morte do líder ou a saída do poder. Após o líder sair do poder, é difícil encontrar alguém a altura daquele que era considerado o ideal para liderar o desafio populista.[58]

Dominique Reynié destaca que na Europa, a maioria dos partidos populistas que apresentam algum progresso hoje, estão confortáveis com a ideia de economia de mercado e com a globalização. Estes partidos não exprimem qualquer vontade de deixar a economia de mercado, e o único conflito existente com a ideia de capitalismo é que este representa um poder transnacional que se opõe à vontade nacional. O que é mais suscetível, para estes partidos populistas, é que suas reclamações sejam a respeito do tratamento dado aos empregados diante da concorrência internacional, bem como a respeito da carga tributária excessiva em desfavor dos pequenos empregadores e produtores. Nesse sentido, o populismo de esquerda acaba por encontrar problemas, já que, diferentemente dos populistas bem-sucedidos na Europa atualmente, onde a economia tem por base a criação de lucros, e a demanda máxima que costumam fazer é por uma economia de mercado nacional, onde a autoridade de Estado reafirme seu poder com base na reativação de fronteiras e de políticas protecionistas. No caso do populismo de esquerda, partidos como o Die Linke na Alemanha e o Syriza na Grécia apresentam projetos de criação de uma forma alternativa de produção de riquezas.[59]

É importante ressaltar que alguns populismos de direita podem, por vezes, adotar um discurso que se assemelha ao dos partidos de esquerda, como a Frente Nacional de Marine Le Pen, que em alguns momentos utiliza-se de retórica de

[58] Benjamin Arditi, *Populism is Hegemony in Politics? Ernesto Laclau's Theory of Populism*, (London: Palgrave Macmillan, 2010), 49-68.
[59] Reynié, *populismes*, 183-185.

extrema-esquerda, e que, por outro lado, os partidos de esquerda acabam por também utilizar-se de discurso de direita no que se refere às questões econômicas. Apesar disto, o populismo de direita ainda prospera, devido ao fato de possuir uma maior abertura identitária. [60]

Para Alexandre Franco De Sá, o populismo de esquerda apresenta um contraste entre o político governante e o líder populista, onde, no primeiro caso, invoca-se a imagem de poder vertical, no qual uma instância governativa, soberana e unitária estabelece a unidade política de seus governados. Essa relação possui um caráter dicotômico, hierárquico e assimétrico, onde o governo, na condição de polo superior, determina a unidade daqueles que por ele são governados, prevalecendo, com isso, a heterogeneidade. No caso do populismo de esquerda, o exercício do poder se dá de outro modo, já que, segundo o imaginário desta forma de exercer o poder, o povo é visto como homogêneo, não havendo necessidade de ser governado verticalmente por uma autoridade. A união do povo governa a si própria, e a figura do líder populista emerge da expressão do imaginário de um autogoverno de um povo. O líder populista, nesse caso, não é visto como um governante, mas como a emanação do povo, partilhando com este a sua identidade e se revelando como a expressão dos pensamentos e anseios do povo. [61]

Por um lado, o populismo de esquerda fala do líder e de sua liderança como se essa forma de exercício do poder não fizesse presumir a fabricação de uma homogeneidade do povo subtendida à identidade entre o povo e aquele que o lidera. Nesta linha, invoca a heterogeneidade do povo, mencionando as múltiplas

[60] *Idem, ibidem*, 185.
[61] Alexandre Franco de Sá, *Ideias sem Centro: Esquerda e Direita no Populismo Contemporâneo*, (D. Quixote, 2022), 143.

demandas que formam a cadeia de equivalências não se encontra, na base, qualquer unidade substancial, esquecendo-se de reconhecer que, para a relação hegemônica capaz de articular as demandas diversas fosse possível, seria essencial pressupor que os "afetos" do povo fossem homogêneos, bem como limitar o pluralismo social. Por outro lado, o populismo de esquerda disserta sobre demandas heterogêneas e sobre a articulação entre singularidades onde as diferenças dificilmente podem ser mudadas, acreditando que a heterogeneidade social e o pluralismo não querem um exercício vertical do poder. [62]

Na política de coligação imaginária do populismo de esquerda, a figura do proletário como expressão da homogeneidade do povo já não existe, o que importa, agora, são as singularidades de todos, diferentes entre si, mas com uma "visão de mundo" única. Essa articulação, que visa unir grupos diferentes e heterogêneos, não se dá de forma espontânea, e não possui o cultivo de uma homogeneidade essencial para o seu sustento. Dessa forma, pode-se dizer que a coligação populista representa uma política imaginária, pois ela se baseia em fatores que são incompatíveis entre si: os "afetos comuns" por uma liderança e um povo com heterogeneidade política; o pluralismo político e ausência de autoridade. [63]

Nesse sentido, Claude Lefort disserta que a característica revolucionária e sem precedentes da democracia é o fato de o *locus* do poder ser um lugar vazio, que não pode ser ocupado e nem sequer representado. Desse modo, impede-se que os governos se apropriem do poder, que incorporem o poder a si próprios. O exercício do poder, com isso, está sujeito a procedimentos de mudanças periódicas, representando o resultado de uma disputa que possui regras permanentes. No

[62] *Idem, ibidem*, 48-149.
[63] *Idem, ibidem*, 153.

entanto, seria um erro afirmar que, com isso, o poder reside na sociedade, já que, para LEFORT, o poder emana da concordância popular, e se define como a agência em razão da qual a sociedade apreende a si própria em unidade e se relaciona consigo mesma.[64]

Em resumo, o populismo de esquerda até apresenta, inicialmente, uma ideia diversa do populismo de direita, mas, ainda assim, possui diversos vícios, como o fato de não conseguir acompanhar as demandas econômicas de uma sociedade que precisa avançar economicamente, bem como de buscar uma homogeneidade absoluta entre grupos heterogêneos que possuem profundas incompatibilidades entre si, e, por fim, de promover a ideia de um líder "incorporado" ao povo, atentando contra a ideia de que o poder é um lugar vazio, e correndo o risco de sucumbir a um líder que se utiliza do poder em vantagem própria e da forma como bem entende.

8. Os robôs irão roubar seu emprego? A insegurança econômica e a ascensão do populismo diante da evolução das inteligências artificiais

As mudanças e a modernização estão, há muito tempo, sendo constantemente inseridas na sociedade. O progresso, no entanto, sempre foi assustador para aqueles que estavam acostumados com determinado estilo de vida. A sociedade sempre passou por transformações, e aprendeu a se adaptar às inovações que iam surgindo ao longo dos anos. A indústria e os instrumentos de trabalho também se modernizaram, e o que, no início, parecia uma ameaça aos trabalhadores, com o passar do tempo se transformou em melhor comodidade e

[64] Claude Lefort, *Democracy and Political Theory* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988), 17.

menor esforço físico. A questão é que, até alguns anos atrás, essas inovações chegavam em um ritmo moderado, e se resumiam a tarefas repetitivas, estando bem distantes da possibilidade de se compararem à inteligência humana.

Desde que o capitalismo industrial começou a apresentar seus primeiros sinais, com o declínio da sociedade feudal, o discurso da automação já é conhecido. Com a chegada da Revolução Industrial, o sistema fabril começou a gerar receio a respeito de seus efeitos e da introdução de novas tecnologias. A agitação tecnológica se deu quando as jornadas de trabalho começaram a cair, já que a produção têxtil foi parcialmente automatizada.[65] Mais tarde, em 1930, as expectativas a respeito de fábricas automatizadas e que dispensavam a necessidade de trabalhadores reaparecia. As horas de trabalho diminuíram e a Grande Depressão ganhou lugar. [66] A ideia de um futuro em que as máquinas reduziriam a carga de trabalho ao nível mínimo foi frustrada pelo fracasso do mercado em criar empregos diante da Grande Depressão. Apesar disso, o desenvolvimento tecnológico acabou sendo visto por muitos como o culpado pela crise, o que se refletiu posteriormente na Grande Recessão, diante da onda de desemprego supostamente causada pela digitalização e a mecanização. [67] Da mesma forma que, após a Grande Depressão, as pessoas viram a tecnologia como uma possível culpada pelo desemprego, o mesmo aconteceu após a Grande Recessão. [68]

[65] David H. Autor, "*Why Are There Still So Many Jobs? The History and Future of Workplace Automation"*, Journal of Economic Perspectives 29, no. 3 (2015): 3-30.
[66] Joel Mokyr Chris Vickers, e Nicolas L. Ziebarth*, "The History of Technological Anxiety and the Future of Economic Growth: Is This Time Different?"*, Journal of Economic Perspective 29, no. 3 (2015): 31–50.
[67] *Idem*, *ibidem*, 31-50.
[68] Joel Mokyr Chris Vickers, e Nicolas L. Ziebarth*, "The History of Technological Anxiety and the Future of Economic Growth: Is This Time Different?"*, Journal of Economic Perspective 29, no. 3 (2015): 31–50.

Atualmente, com os avanços das Inteligências Artificiais, alguns temem que a nova "onda" do capitalismo seja o momento em que finalmente as máquinas irão substituir o trabalho humano em grande escala[69]. Baseando-se nos acontecimentos passados, a comparação com as tecnologias atuais se torna inevitável, criando um receio de que, desta vez, será mais difícil superar o desafio trazido pela tecnologia. [70]

Até algum tempo atrás, pouco se acreditava no poder transformador da inteligência artificial. O progresso dolorosamente lento, que prevaleceu entre as décadas de 1980 e 1990 confirmava as suspeitas daqueles que diziam que um computador jamais poderia superar a inteligência humana. As máquinas passaram a operar melhor, porém, estavam limitadas à execução de tarefas repetitivas, de forma que o pensamento parecia continuar sendo um atributo exclusivo do homem. Com o passar do tempo, essa lacuna começou a se dissipar, de forma que cada vez mais a inteligência artificial passa a se assemelhar à inteligência orgânica. Antes que a inteligência humana seja finalmente alcançada ou até superada pela das máquinas, o desaparecimento de empregos se tornará uma questão a ser discutida. Como no passado, novos empregos certamente surgirão para substituir aqueles que se tornarão obsoletos, mas a questão principal parece ser a possibilidade de os algoritmos personalizados findarem por preenchê-los. [71]

A desigualdade econômica não é um fenômeno novo na sociedade, porém, com o desenvolvimento tecnológico, a situação pareceu ter saído do controle. O

[69] H. Autor, "*Why Are There Still So Many Jobs?",* 3-30.
[70] Ana Cecilia Dinerstein, e Frederick Harry Pitts, *A World Beyond Work? Labour, Money and the Capitalist State between Crisis and Utopia* (UK: Emerald Publishing Limited, 2021).
[71] Nouriel Roubini, *Megathreats – Ten Dangerous Trends that Imperil our Future and How to Survive to Them,* (New York: Little, Brown and Company, 2022), 167.

desemprego tecnológico parece ameaçar cada vez mais o mercado de trabalho. As pessoas costumam ganhar dinheiro de duas formas: a primeira é como retorno do capital humano; e a segunda é proveniente do capital tradicional. A desigualdade se dá quando um dos capitais é mais valioso que o outro, já o desemprego ocorre quando não se tem nem capital humano de valor, nem tampouco capital tradicional. [72]

Uma pesquisa realizada pelo McKinsey Institute a respeito das capacidades técnicas e no nível de desempenho humano que podem ser alcançados pela tecnologia resultou no gráfico a seguir:

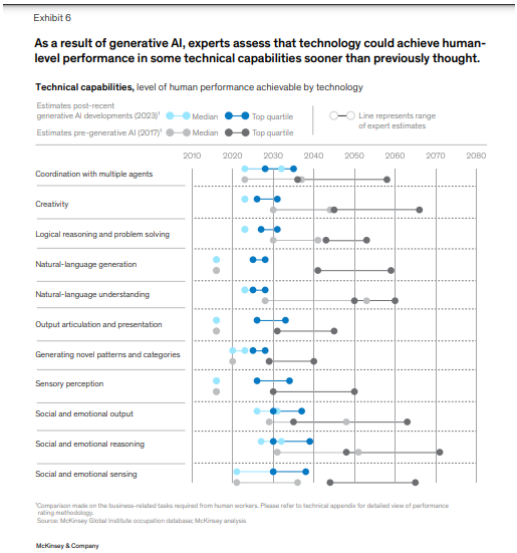

Figura 4 - Gráfico elaborado pelo McKinsey Institute, representando o período até que a inteligência artificial alcance os níveis de capacidades técnicas do ser humano.

[72] Daniel Susskind, *A World Without Work: Technology, Automation, and How We Should Respond*, (New York: Picador, 2021), 249.

Com base no estudo, verificou-se que o desempenho da tecnologia se igualará ao desempenho humano muito antes do que se costumava imaginar, de forma que, já em 2023 se pode verificar que a tecnologia começou a alcançar o desempenho humano médio no que se refere à compreensão de linguagem natural. [73]

Segundo a PwC analysis, onde se analisou de forma detalhada as tarefas envolvidas em mais de 200.000 empregos num âmbito de 29 países, a previsão é de que, em meados de 2030, a automação já terá a possibilidade de substituir até 30% dos empregos. [74]

A ansiedade em relação ao desenvolvimento tecnológico já é elevada. Nos Estados Unidos, por exemplo, a probabilidade de pessoas que expressam preocupação em relação a um futuro em que os robôs sejam capazes de realizar trabalhos que hoje em dia são executados pelos humanos é de 72%, e no que se refere ao receio de que os algoritmos possam decidir sobre contratação sem a necessidade de envolvimento humano, os americanos parecem se preocupar em 67%. Quando se trata de questões como a desigualdade econômica, 76% dos americanos expressam o medo de que, caso robôs e computadores possam realizar muitos trabalhos atualmente feitos por humanos, o mundo acabe se tornando ainda mais desigual. A respeito de criação de empregos, 75% dos americanos acreditam que, caso essa hipótese se torne realidade, a economia não criará postos de trabalho e com melhor remuneração. Uma taxa de 65% dos entrevistados relata que as pessoas provavelmente enfrentarão dificuldades para encontrar emprego, caso

[73] Chui et al., *The Economic potential of generative AI: The next productivity frontier*, (McKinsey & Company, 2023), PDF.

[74] PwC analysis, *How will automation impact jobs?*, https://www.pwc.co.uk/services/economics/insights/the-impact-of-automation-on-jobs.html#cta-.

sejam submetidas a competir com robôs e computadores avançados. Por fim, a maioria dos americanos demonstra estar preocupada com a possibilidade de o elemento humano ser removido de decisões importantes.[75]

Uma vez que as pessoas já se sentem, de certa forma, ameaçadas pela automação, o que se prevê é que essa situação acabe por gerar sua própria reação política, mas a questão principal, aqui, é se esta reação assumirá um caráter populista. Na visão de FRANK LEVY, caso isso aconteça, o político populista pode tentar enquadrar as perdas de empregos causadas pelas Inteligências Artificias em termos populistas da seguinte forma: o "povo" se caracterizaria como as pessoas que perderam seus empregos ou que se veem em vias de perdê-los devido à tecnologia e a "elite" seriam aqueles que possuem conhecimento no âmbito tecnológico. [76]

No ano de 2016, o governo Obama divulgou um relatório chamado "Preparing for the Future of Artificial Intelligence"[77], que dissera a respeito das interações entre humano e máquinas, com base nas evidências de que a automação poderia vir a prejudicar empregos de baixa remuneração, o que mostra que a sensação de insegurança a respeito do desemprego devido aos avanços da tecnologia já é uma realidade. Apesar de ainda não se saber, com certeza, o tempo que levará para que o desemprego tecnológico estrutural substitua a maioria dos trabalhadores, o período intermediário já é difícil, pois tudo indica que o

[75] Monica Anderson, e Aaron Smith, *Automation in Everyday Life*, (Pew Research Center, out. 2017).
[76] Frank S. Levy*, "Computers and Populism: Artificial Intelligence, Jobs and Politics in the Near Term".* Massachusetts Institute of Technology (MIT) - Department of Urban Studies & Planning (2018). https://ssrn.com/abstract=3091867.
[77] Executive Office of The President; National Science and TECHNOLOGY CONCIL, *Preparing for the Future of Artificial Intelligence.* https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/whitehouse_files/microsites/ostp/NSTC/preparing_for_the_future_of_ai.pdf

desenvolvimento da automação afetará salários, e, com salários menores, a desigualdade aumentará.[78]

Nos últimos anos, muitas propostas de políticas surgiram para buscar respostas à ameaça da automação, e em todas elas, prevalece a ideia de que se deve ensinar às pessoas a se aperfeiçoarem em tarefas onde as máquinas as complementarão, ao invés de simplesmente substituí-las. A forma de ensino também deve ser mudada, e nisso a tecnologia oferece alternativas, de forma que o modo de ensino pode ser adaptado ao ritmo de cada um, fugindo do formato tradicional de "tamanho único". A adoção da aprendizagem contínua também é uma forma de buscar proteger as pessoas contra as constantes mudanças do mundo do trabalho do futuro. Alguns desafios, porém, acabam por surgir quando se busca utilizar-se da educação para responder às ameaças tecnológicas: o primeiro deles é que nem todos possuem as habilidades necessárias para suprir as novas demandas de um trabalho automatizado, os seres humanos nascem com diferentes talentos, e para alguns, algumas habilidades são inalcançáveis; o segundo desafio é a hipótese de que, mesmo que o problema da educação venha a ser sanado, a possível falta de demanda suficiente para o trabalho pode representar um problema.[79]

A respeito da falta de habilidades necessárias, YUVAL NOAH HARARI defende que no século XXI surgirá uma nova classe, constituída pelas pessoas que não possuem qualquer "valor econômico, político ou artístico", de forma a não contribuírem em nada para a sociedade. Essa classe, nas palavras de HARARI "será *inempregável*". [80]

[78] Nouriel Roubini, *Megathreats*, 171.
[79] Susskind, *A World Without Work*, 155-167.
[80] Yuval Noah Harari, *Homo Deus: A Brief History of Tomorrow*, (London: Vintage, 2017).

O risco de uma possível onda de perdas de emprego, juntamente à sensação de impotência diante de uma tecnologia que parece avançar de forma desenfreada, faz com que a insegurança econômica derivada da automação comece aos poucos a se tornar uma realidade. Conforme os empregos mudam, as habilidades se tornam mais específicas e os salários diminuem, a desigualdade começa a crescer de modo considerável, e a confiança nos governos tradicionais, assim como em outros momentos de crise, volta a se tornar escassa. Um possível argumento a ser utilizado pelos políticos populistas nesse caso, ao nosso ver, seria de que o "povo" seriam aqueles que não tiveram a chance de estudar e se especializar nas áreas em que hoje há uma maior demanda, já a elite se caracterizaria como os que possuem um maior domínio da tecnologia. Ao povo, em uma possível abordagem populista, nada mais restaria do que aceitar os empregos que não fossem ocupados por máquinas ou pela "elite" que as domina.

Para René Cuperus, o movimento populista é uma resposta às turbulências sociais, que andam de mãos dadas a uma crise iminente, e à ameaça de uma perda de identidade coletiva. O populismo nada mais seria que a reação contra um mundo em mutação. O populismo de direita na Europa é nada menos que uma resposta à crise, e os movimentos populistas são um reflexo negativo da modernização, uma resposta à turbulência social que, para muitos, está ligada a uma crise iminente, seguida da perda de identidade coletiva. [81]

Segundo Cuperus, o populismo se apresenta como uma espécie de revolta contra a era moderna, onde o progresso técnico, racional e material sempre sofreu críticas e protestos. Os próprios camponeses russos, ou os *Narodniki*, bem como os agricultores americanos, iniciaram movimentos populistas em resposta a uma

[81] René Cuperus, *The Populist Deficiency of European Social Democracy*. PDF, 83-109.

inevitável modernidade. No caso dos americanos, a revolta se deu contra uma suposta ameaça proveniente da expansão do sistema ferroviário. Com o passar dos anos, a economia, a sociedade e a cultura ocidentais passaram a se modernizar cada vez mais, e o novo populismo surge como uma forma de resistir às transformações trazidas pela modernidade, utilizando-se de uma certa romantização do passado. Como consequência dos processos de transformação social, é comum que haja "vencedores" e "perdedores", bem como um grupo em vulnerabilidade entre eles. A explicação mais comum para o crescimento do populismo nos dias atuais está na dificuldade de adaptação em meio àqueles que se sentem prejudicados em meio às transformações atuais. Em meio a essas mudanças, percebe-se uma sensação de vulnerabilidade por parte daqueles que estão tendo seus empregos substituídos por ofícios que requerem habilidades pouco dominadas pelos membros da classe trabalhadora tradicional. [82]

Atualmente, a tecnologia parece se desenvolver a cada segundo, e entrar cada vez mais em nossas casas, em nossas rotinas e, em nosso trabalho. O que antes se resumia a aparelhos que dependiam quase por completo do controle humano, hoje se apresenta em forma de aspiradores de pó que se locomovem sozinhos e que conseguem facilmente mapear o espaço de nossas casas, em assistentes virtuais que parecem cada vez mais aptas a gerenciarem nosso tempo, em caminhões que transportam cargas ao seu destino sem a necessidade de um motorista e em algoritmos avançados de criação de textos e elaboração de respostas. A Boston Dynamics, uma empresa americana responsável pela criação de robôs, se tornou conhecida por apresentar inúmeros exemplares cada vez mais semelhantes aos humanos, e capazes de realizar trabalhos que, para nós, seriam totalmente

[82] *Idem, ibidem, 83-109.*

arriscados ou mesmo inviáveis. Diante de tantas e tão rápidas mudanças, é normal que as pessoas temam por seus empregos, afinal, se a tecnologia está avançando de forma a mimetizar até mesmo a inteligência humana, até aqueles que exercem trabalhos intelectuais começam a se perguntar se, de fato, estão protegidos de perderem seus empregos para a tecnologia.

Assim como no início da história do populismo como fenômeno político, o populismo parece se alimentar do sentimento de medo daqueles que se sintam, por alguma razão, esquecidos pela elite. A possível onda de desempregos que a automação supostamente ameaça causar, nada mais é do que uma reprodução atual do que houve com os *Narodniki* e com os agricultores americanos, onde houve perdedores e vencedores. Apesar da ideia de que, ao menos por agora, as inteligências artificiais ainda não estão totalmente aptas a substituir o homem naquilo que se refere à capacidade de decisão, o temor de que isso venha a ocorrer já é real. O círculo vicioso, aqui, acontece quando a insegurança econômica acaba gerando uma desconfiança em relação ao governo, e, em reação a isso, o voto em um candidato populista, que se utiliza da própria tecnologia para alimentar a ideia de que estamos em uma crise iminente, e que, como em todas as outras crises anteriores, somente ele será capaz de resolver o problema.

9. Possíveis reações ao populismo9

Diante da ideia de que o populismo é um fenômeno de crises, e de sua correlação com fatores como a insegurança econômica, a negligência por parte do governo e a falta de confiança no Estado, alguns autores apresentam formas de reagir a esse fenômeno.

Segundo Jan-Werner Müller, o que torna o populismo tão atraente é, principalmente, o fato dele representar as promessas de democracia que não foram cumpridas. Oficialmente, ninguém fez essas promessas, mas elas se assemelham ao que às vezes se chama de "teoria popular da democracia". A primeira promessa não cumprida da democracia é de que o povo seria capaz de governar. Em teoria, os populistas defendem a ideia de um povo como um todo que tem o direito de governar e de ter suas decisões atendidas. Na antiguidade, em Atenas, chegou-se muito perto desse conceito de democracia, no sentido de haver um senso de capacidade coletiva. O populista defende que, agora, essas promessas podem finalmente ser cumpridas, e dão a entender que o povo é um só, e que a possibilidade de dominar totalmente o seu destino depende somente de eleger os representantes corretos. [83]

Na visão de Cas Mudde, o populismo não é contra a democracia em si, sua questão é no que diz respeito ao regime democrático *liberal*. Para os populistas, não se pode confiar na existência de instituições não eleitas, que podem, sem qualquer razão, sair do controle e deixar de proteger os interesses do todo para favorecer a uma minoria privilegiada. Diante disso, os populistas representam um desafio complexo para as democracias, exigindo, assim, uma resposta complexa. Apesar de muitos acreditarem que o populismo nada mais é do que um processo orientado para as elites e tem como base um líder carismático, as atitudes populistas estão disseminadas nas sociedades, e mesmo onde não há sequer um líder carismático, se existirem as condições específicas necessárias, é altamente provável que as pessoas desenvolvam simpatia pelo populismo. [84]

[83] Müller, *What is Populism?*, 93.
[84] Cass Mudde, *Populism: A Very Short Introduction*, 109.

Na visão de Mudde, o primeiro fator para a identificação de uma sociedade com o populismo são os escândalos de corrupção, mais precisamente a corrupção sistêmica. Com isso, combater e prevenir a corrupção são estratégias que podem dificultar a procura pela política populista. O ato de investigar e sancionar os principais casos de corrupção, serve tanto para reduzir a sua ocorrência, quanto para assegurar ao povo de que o sistema não está sob o total controle do establish homogêneo. A corrupção sistêmica é um problema mais difícil de ser enfrentado, pois esta vem frequentemente acompanhada de problemas por parte do Estado. Com isso, reforçar a capacidade do Estado é uma medida que, indiretamente, contribui para diminuir a atração pelo populismo. Outra condição que faz com que as pessoas se atraiam pelo populismo é a falta de resposta por parte das elites. Muitos partidos de países da Europa ocidental optaram por priorizar a responsabilidade em desfavor da representação, defendendo que, com isso, manteriam os partidos políticos fora do poder. A questão é que, assim, os populistas ganham um maior embasamento para defenderem o argumento de que "nós contra eles".[85]

Dentre as estratégias atuais para responder ao populismo, uma das mais importantes é a educação cívica, que busca familiarizar as pessoas com os principais valores da democracia liberal, bem como, de certa forma, alertar para os perigos do extremismo. A educação cívica possui a capacidade de reforçar as convicções democráticas, de forma a explicar a importância do pluralismo político, o que pode ser fundamental para prevenir a ascensão do populismo. Porém, é necessário ter cautela, já que, nos grupos onde já existe uma certa desconfiança no sistema político, a ideia de advertir fortemente contra as forças extremistas pode

[85] *Idem, ibidem*, 110-111.

acabar tendo um efeito contrário. Quando se trata de uma resposta ao populismo por parte dos políticos tradicionais, Mudde defende que ao invés de simplesmente atacar os populistas, seria importante ceder espaço para ouvir suas reivindicações. [86]

Na visão de Dominique Reynié, quando a crise ameaça a Europa, os partidos populistas colaboram para que o governo se prejudique, já que, quando se é mais necessário intensificar a cooperação, os populistas defendem medidas como a saída do euro, a saída da União Europeia, a redução do orçamento etc. Desta forma, a ameaça populista se baseia no poder de trazer perturbação em um momento delicado. Ainda segundo o autor, os países europeus, devido à homogeneização do comportamento demográfico, acabam por enfrentar problemas semelhantes, e uma forma de se fortalecer das ameaças do populismo seria se unir por meio de uma política de integração.[87]

Simon Tormey destaca a necessidade de nos concentrarmos nos pontos do populismo que divergem de outros movimentos políticos, como o autoritarismo ou o fascismo. No discurso populista, o "povo" está em oposição às "elites", e os movimentos populistas são entidades antissistema. O argumento populista é que as pessoas devem romper com a antigas estruturas, e, com isso, estarão livres dos problemas causados pelas elites. É importante reconhecer que as preocupações por parte das pessoas sobre a situação política não devem ser ignoradas. Apesar do populismo ser passível de autoritarismo, existem formas do populismo que não seguem a essa regra, podendo ser, ainda, antiautoritárias. Ao invés de focarmos numa solução ou resposta ao populismo, deveríamos começar a nos questionar

[86] *Idem, ibidem,* 112.113.
[87] Reynié, *populismes,* 350 – 371.

sobre o que houve de errado com a democracia. Nesse sentido, as causas se concentram entre alguns fatores primários. Inicialmente, está a integridade e a eficácia da classe política, já que, diante de um nível de confiança baixo, as pessoas começam a buscar por alternativas diferentes, seja porque acreditam que estas sejam mais "diretas" ou "autênticas", ou mesmo devido a uma reputação advinda de fora do âmbito político. Em segundo lugar, está a necessidade de se trazer de volta a percepção de que a política importa. Quando as pessoas acreditam que em nada contribuem para as decisões políticas de sua comunidade, o populismo acaba por ganhar força. A insegurança é outro fator importante, já que faz com que os cidadãos busquem soluções novas para os problemas. [88]

Em síntese, o populismo é uma política formada por pessoas que, em confronto com as elites, acreditam possuírem um melhor entendimento a respeito do que o povo realmente necessita. O populismo também pode trazer a ideia de renovação, de mudança do velho estilo de política que parece sempre o mesmo, uma alternativa ao "mesmo de sempre". Diante disso, é importante observar o surgimento de movimentos populistas com base no conceito de crise, principalmente a crise da democracia. [89]

Segundo Cas Mudde, é possível identificar quatro estratégias para se reagir ao populismo, que raramente aparecem de forma pura. A primeira delas é o isolamento, onde as reivindicações do populismo são simplesmente ignoradas. Outra estratégia consiste no confronto, onde além de negar a legitimidade das reivindicações do populismo, os políticos que estão atualmente no poder ainda atacam aos políticos populistas. A adaptação, uma terceira estratégia, consiste em

[88] Tormey, *Populismo*, 126 – 147.
[89] *Idem, ibidem*. 148.

aceitar, implícita ou explicitamente, a possibilidade de que a reivindicação feita pelo populista possa dirigir a atenção para assuntos que foram deixados fora da agenda, servindo de ponte entre governados e governantes. Por fim, a "socialização" é uma estratégia que complementa à adaptação, já que seu foco está nas táticas de curto e longo prazo para a inclusão do populismo no establishment político.[90]

A filosofia de John Rawls sugere a ideia de um "consenso de sobreposição" no que se refere aos princípios de justiça que regem a organização política das sociedades atuais. Na ideia de Rawls, um acordo político inicial, visando obedecer a princípios democraticamente inspirados, entre aqueles que possuem diversas "doutrinas abrangentes" se tornaria em uma situação em que esses princípios se incorporariam profundamente às crenças morais dos adeptos, ou seja, em suas doutrinas abrangentes de caráter individual. Com isso, aqueles que, de outro modo, poderiam ter opiniões divergentes a respeito de muitas questões fundamentais no que se refere ao bem e ao propósito de vida, poderiam chegar a um acordo comum no que se refere a um esquema de cooperação e uma estrutura política. [91]

Na visão de Miguel Prata Roque, é possível que os sistemas democráticos venham a resistir à ascensão do populismo por meio da adoção de estratégias de acomodação de descontentamento, onde o sistema político deverá - seja por meio de canais de *whistle blowing*, pelo exercício do direito de petição ou por meio do livro de reclamações eletrônico - ouvir a respeito das insatisfações dos cidadãos;

[90] Mudde, Rovira. *Populism in Europe and The Americas – Threat or Corrective for Democracy?*, 814 – 817.
[91] Michael G. Barnhart. "*An Overlapping Consensus: A Critique of Two Approaches. The Review of Politics"*, vol. 66, nº 2, (2004): 257-283. https://www.jstor.org/stable/1408955?read-now=1#page_scan_tab_contents.

utilizar-se de estratégias de acomodação das contra-elites – que visam criar oportunidades para as contra-elites possam se expressar, desde que respeitem os princípios basilares da democracia – e, por fim, aplicar o consenso de sobreposição apresentado por John Rawls. [92]

Em nosso entendimento, concordamos que a educação cívica é de fundamental importância para se reagir ao populismo, de modo que, quanto mais uma sociedade está familiarizada com os valores da democracia, menos ela corre o risco de ceder a discursos populistas e informações falsas, as denominadas *fake news*. A educação cívica, se implementada da forma correta, sem dar margens para a desconfiança extremista, pode auxiliar as pessoas a escolherem seus líderes de forma mais racional. Particularmente, discordamos da ideia de que se deva atacar o populismo, como um inimigo que deve ser destruído a qualquer forma. Como visto anteriormente, o populismo teve suas primeiras manifestações desde o início da democracia, e seu surgimento se deu devido ao descontentamento, que se sentia negligenciado pelo Estado. Nesse ponto, concordamos com o professor Miguel Prata Roque na posição de que deve haver uma forma de se ouvir os cidadãos, bem como de se criar um canal para que as contra-elites se manifestem, respeitando os princípios basilares da democracia. Acreditamos, ainda, que o consenso de sobreposição também deva ser adotado.

Analisando os dados da ESS – European Social Survey, uma pesquisa transnacional aplicada em 40 países da Europa, com base nas taxas de resposta obtidas nos anos de 2002 e 2020 a respeito de quanto as pessoas se sentem interessadas em política, elaboramos o gráfico comparativo que segue:

[92] Prata Roque, *O Populismo no Século* XXI, 35.

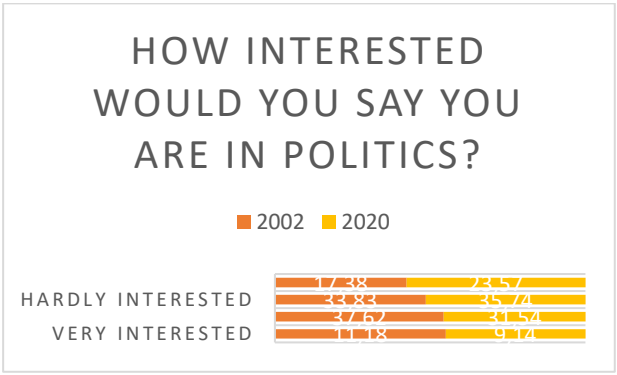

Figura 5 - Gráfico elaborado por Maria Leticia Nogueira Lima, com base nos dados do ESS - European Social Survey, demonstrando a porcentagem interesse político das pessoas nos anos de 2002 e 2020.

Conforme podemos observar, no ano de 2002, a porcentagem daqueles que se afirmaram muito interessados em política era maior do que a porcentagem de pessoas que se consideravam interessadas em política no ano de 2020, por outro lado, aqueles que declararam não possuírem qualquer interesse em política no ano de 2020 ocuparam uma porcentagem consideravelmente maior em relação aos que responderam à mesma questão no ano de 2002. O que nos leva a refletir na razão pela qual, mesmo com toda a tecnologia de que dispomos atualmente, as pessoas parecem cada vez menos interessadas em política. Com isso, acreditamos que, além da educação cívica, o interesse pela política deve ser incentivado entre os cidadãos, de forma a fazê-los compreender que são parte importante na defesa da democracia.

10. Conclusão

Durante o percurso traçado pela investigação, buscamos proporcionar ao leitor uma experiência imersiva na relação entre o populismo, a crise e a insegurança econômica com base nos desafios dos dias atuais.

Neste caminho, buscamos elucidar o leitor sobre o modo como determinadas crises acabam por favorecer com que o populismo ganhe espaço na sociedade. Por meio deste estudo, traçamos uma linha do tempo entre os acontecimentos de caráter econômico que fizeram com que uma sociedade simpatize com o populismo, bem como, refletindo em uma visão de futuro, demonstramos que a preocupação a respeito de possíveis situações de insegurança econômica, sequer mesmo antes de uma crise de fato ocorrer, faz com que as pessoas se sintam inclinadas a buscarem alternativas políticas diversas das habituais. Na crise, a tendência da sociedade é ceder à política populista, que, visando alcançar o poder, utiliza-se dos receios da sociedade, sejam estes de caráter cultural ou econômico.

Atualmente, vivemos em um período em que alguns já se sentem inseguros com a possibilidade de perderem seus empregos para as novas tecnologias, e é nessa esfera que o populismo encontra um modo de ganhar espaço, afirmando-se em defesa daqueles que veem sua qualidade de vida ameaçada.

Acreditamos que haja, sim, uma forte ligação entre a crise, insegurança econômica, a desconfiança nos governantes e a ascensão do populismo, de forma que, com a crise, a insegurança econômica se torna uma realidade, o que faz com que as pessoas comecem a ver os governantes de forma diversa, já que sentem que estes poderiam ter tomado as providências necessárias para impedir que a crise se alastrasse. Diante de uma ideia de que o Estado nada fez para proteger a população, o nível de confiança nos governantes tende a cair, já que as pessoas se sentem desamparadas por aqueles que deveriam tê-las protegido, e como consequência, acabam por se tornarem suscetíveis a cederem ao discurso populista.

Em resposta à questão colocada no início deste relatório, nossa conclusão é que as duas sentenças são verdadeiras: a crise é um território fértil para a ascensão

populista, pois é quando a população tende a se sentir mais vulnerável, insegura financeiramente e desconfiada de seus governantes, de forma a se tornar mais fácil ceder aos encantos do populismo. Por outro lado, alguns fatores nos fazem acreditar que o populismo também acaba por fomentar a crise: primeiro porque, apesar de afirmarem que são parte do "povo", muitos políticos populistas pertencem às classes mais abastadas, pouco entendendo dos reais problemas das classes menos favorecidas, o que nos faz entender que, caso assumam o poder, provavelmente perpetuarão o comportamento da "elite" que tanto criticavam; a segunda questão é o fato de a crise ser um combustível importante para uma reação populista, afinal, uma sociedade que está satisfeita com seus líderes tem menos tendência a se encantar pela ideia combativa do populismo. Nesse caso, podemos afirmar que a crise é fundamental para que o populismo prospere em uma sociedade, e é por isso que o populismo busca fomentar a crise.

A educação cívica pode ser um fator importante para se reagir ao populismo, porém, é necessário que outros fatores também sejam observados e solucionados, começando pela necessidade, por parte da própria elite governante, de se atentar aos anseios da população e de buscar formas, respeitando os parâmetros democráticos, de fazer com que, diante de uma crise, o povo se sinta ouvido e, sobretudo, amparado por seus governantes, e não ignorado ao ponto de eleger um líder populista pelo fato de acreditar que somente por meio uma mudança de governo suas necessidades serão atendidas.

11. Bibliografia

ALGAN, Yann, Sergei Guriev, Elias Papaioannou, e Evgenia Passari. "The European Trust Crisis and The Rise of Populism", Brooking Papers on Economic Activity, (2017): 309-82.

ANDERSON, Monica, e Aaron Smith, "Automation in Everyday Life", Pew Research Center, 4 de outubro de 2017. https://www.pewresearch.org/internet/2017/10/04/automation-in-everyday-life/.
ARDITI, Benjamin. Populism is Hegemony in Politics? Ernesto Laclau's Theory of Populism. London: Palgrave Macmillan, 2010.
AUTOR, David H. "Why Are There Still So Many Jobs? The History and Future of Workplace Automation." Journal of Economic Perspectives 29, no. 3 (2015): 3–30.
JUDIS, John B. A explosão do populismo (Portuguese Edition). Lisboa: Editorial Presença, 2017.
BARNHART, Michael G. "An Overlapping Consensus: A Critique of Two Approaches." The Review of Politics, vol. 66, no. 2, 2004, pp. 257–83. JSTOR, http://www.jstor.org/stable/1408955.
BERLIN, Isaiah. To Define Populism. The Isaiah Berlin Literary Trust, 2013. PDF.
CANOVAN Margaret. Populism, New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1981.
CHUI, Michael, Eric Hazan, Roger Roberts, Alex Singla, Kate Smaje, Alex SUKHAREVSKY, Lareina Yee, e Rodney Zemmel. "The economic potential generative of AI: The next productivity frontier." McKinsey & Company, junho de 2023. https://www.mckinsey.com/~/media/mckinsey/business%20functions/mckinsey%20digital/our%20insights/the%20economic%20potential%20of%20generative%20ai%20the%20next%20productivity%20frontier/the-economic-potential-of-generative-ai-the-next-productivity-frontier.pdf
CLAVIJO, José. "Los antiguos orígenes del populismo moderno." Nexos. Out. 2019. https://redaccion.nexos.com.mx/los-antiguos-origenes-del-populismo-moderno/. Acesso em: 03 de abril de 2023.
CUPERUS, René. "The Populist Deficiency of European Social Democracy." https://library.fes.de/pdf-files/ipg/ipg-2003-3/artcuperus.pdf. Acesso em 05 de abril de 2023.
DINERSTEIN, Ana Cecilia, Frederick H Pitts. A WORLD BEYOND WORK? Labour, Money and the Capitalist State between Crisis and Utopia. UK: Emerald Publishing Limited, 2021.
EATWELL, Roger, e Matthew Goodwin. National Populism: The Revolt Against Liberal Democracy, UK: Penguim Books, 2018.
EDELMAN TRUST BAROMETER. 2017 Edelman Trust Barometer Reveals Global Implosion of Trust. https://www.edelman.com/news-awards/2017-edelman-trust-barometer-reveals-global-implosion. Acesso em 20 de maio de 2023.
EICHENGREEN, Barry, The Populist Temptation: Economic Grievance and Political Reaction in the Modern Era, New York: Oxford University Press, 2018.
EUROPEAN SOCIAL SURVEY – ESS. https://www.europeansocialsurvey.org/
EXECUTIVE OFFICE OF THE PRESIDENT; National Science and Technology Concil. "Preparing for the Future of Artificial Intelligence." https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/whitehouse_files/microsites/ostp/NSTC/preparing_for_the_future_of_ai.pdf . Acesso e 19 de maio de 2023.

FRANCO DE SÁ, Alexandre. Ideias sem Centro: Esquerda e Direita no Populismo Contemporâneo, D. Quixote, 2022.
GURIEV, Sergei, e Elias Papaioannou, "The Political Economy of Populism." Journal of Economic Literature, Vol 60, pp. 753-832, 2022. https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jel.20201595. Acesso em: 19 de maio de 2023.
GUISO, Luigi, Helios Herrera, e Tommaso Sonno, "Financial crises and drivers of populism: A new channel." Jul/2022. https://cepr.org/voxeu/columns/financial-crises-drivers-populism-new-channel. Acesso em: 11 de junho de 2023.
HARARI, Yuval Noah. Homo Deus: A Brief Hisotry of Tomorrow, London: Vintage, 2017.
HIRST, Tomas. "All The Ways The Euro Crisis is Actually Much Worse Than The Great Depression". Bussiness Insider. Nov. 2014. https://www.businessinsider.com/stats-the-euro-crisis-v-the-great-depression-2014-10?r=US&IR=T. Acesso em 11 de junho de 2023.
HOSKING, Geoffrey. Trust: A History, United Kingdom: Oxford University Press, 2014.
HOSKING, Geoffrey, e Masamichi Sasaki (org). Trust in Contemporary Society, Leiden: Brill Academic Pub, 2021
IONESCU, Ghita, e Ernest Gellner. Populism: Its Meaning and National Characteristics, New York: Macmillan, 1969.
IVANOV, Denis. "Economic Insecurity, Institutional Trust and Populist Voting Across Europe." Comp Econ Stud 65, 461–482, Fev. 2023. https://doi.org/10.1057/s41294-023-00212-y. Acesso em 16 de junho de 2023.
KAZIN, Michael. The Populist Persuasion: an American History, New York: Basic Books – A Division of HarperCollins Publishers 1995.
KENNY, Paul D. Why Populism? Political Strategy from Ancient Greece to the Present. Cambridge: Cambridge University Press: 2023.
LACLAU, Ernesto. On Populist Reason, London: Verso, 2005.
LANE, Melissa. The Birth of Politics: Eight Greek and Roman Political Ideas and Why They Matter, Princeton, NJ: Princeton University Press, 2014.
LEFORT, Claude. Democracy and Political Theory, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988.
LEVY, Frank S. "Computers and Populism: Artificial Intelligence, Jobs and Politics in the Near Term", Jan. 2014. https://ssrn.com/abstract=3091867. Acesso em 15 de junho de 2023.
MARGALIT, Yotam. Economic Insecurity and the Causes of Populism. Journal of Economic Perspectives, vol. 33, nº 4, pp. 152-17f0, 2019.
MOFFITT, Benjamin. The Global Rise of Populism, Stanford, California: Stanford University Press, 2016.
MOUFFE, Chantal. Por um Populismo de Esquerda (Portuguese Edition). Verso, 2018.
MOKYR, Joel, Chris Vickers, e Nicolas L. Ziebarth, "The History of Technological Anxiety and the Future of Economic Growth: Is This Time Different?" Journal of Economic Perspectives 29, no. 3 (2015): 31–50.

MUDDE, Cass. Populism: A Very Short Introduction, New York, NY: Oxford University Press, 2017.
MUDDE, Cass, e Katwasser Rovira. Populism in Europe and The Americas – Threat or Corrective for Democracy? New York, NY: Cambridge University Press, 2012.
MÜLLER, Jan-Werner. What is Populism?, UK: Penguim Books, 2017.
PERRY, Jonathan. Trust in Public Institutions: Trends and Implications for Economic Security. Global Dialogue for Social Development Branch, Division for Inclusive Social Development, UN DESA, nº 108, 2021. https://www.un.org/development/desa/dspd/2021/07/trust-public-institutions/ Acesso em: 11 de maio de 2023.
REYNIÉ, Dominque. Les nouveaux populismes, France: Hachette Pluriel Editions, 2013
ROQUE, Miguel Prata, org. O Populismo no Século XXI - Democracia sob Ataque? Lisboa: AAFDL Editora, 2023.
ROTHERMUND, Dietmar. The Global Impact of the Great Depression: 1929-1939, London; New York: Routledge, 1996.
ROUBINI, Nouriel. Megathreats – Ten Dangerous Trends that Imperil our Future and How to Survive to Them, New York: Little, Brown and Company, 2022.
SUSSKIND, Daniel. A World Without Work: Technology, Automation, and How We Shoud Respond, New York: Picador, 2021.
TORMEY, Simon. Populismo: uma introdução concisa (Portuguese Edition), São Paulo: Cultrix, 2019.
TUCÍDIDES. História da guerra do Peloponeso, 4.ed, Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2001.